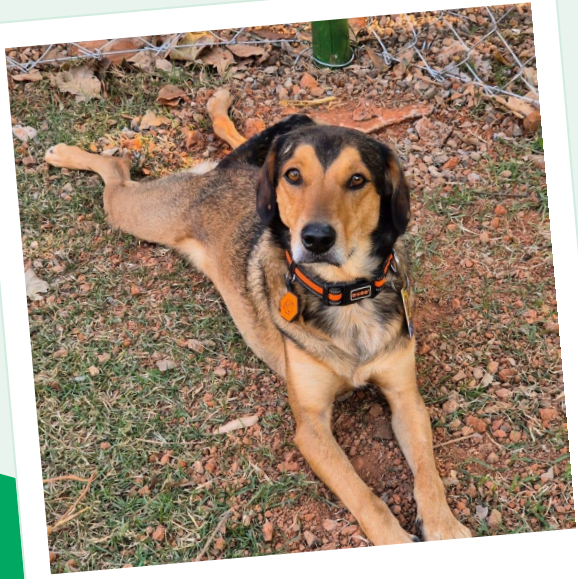
Manual do Cão Perdido

Protocolo de busca · Edição de campo



Poze

Pela Dogo

Manual do Cão Perdido

Protocolo de busca · Edição de campo

Dogo

Manual do Cão Perdido

© 2026 Dogo App GmbH. Todos os direitos reservados.

Publicado por Dogo App GmbH, Berlim, Alemanha

Manual do Cão Perdido · Protocolo de busca · Edição de campo

Texto e ilustrações: biblioteca de conteúdo da Dogo.

Composto em Montserrat Alternates e Noto Sans, ambas sob a SIL Open Font License 1.1.

SOBRE ESTE LIVRO

O que você vai aprender

Seu cão sumiu. Este manual reúne o que se sabe sobre procurar um cão perdido e organiza isso em um plano — o mesmo método que equipes de resgate usam para encontrar pessoas. Ele serve para o que vem a partir de agora, não para julgar o que já aconteceu.



Vá direto ao

- ✓ Acabou de acontecer? A primeira hora
- ✓ Ele foge de você? Partes 1 e 2
- ✓ Tem gente para organizar? Partes 4 e 5

também

- ✓ Cão medroso, que evita todo mundo? Parte 8
- ✓ Precisa de formulários? Parte 9
- ✓ Já se passaram dias? Parte 10

POR DENTRO

11 partes + 8 anexos

FEITO PARA

imprimir e levar

Sumário

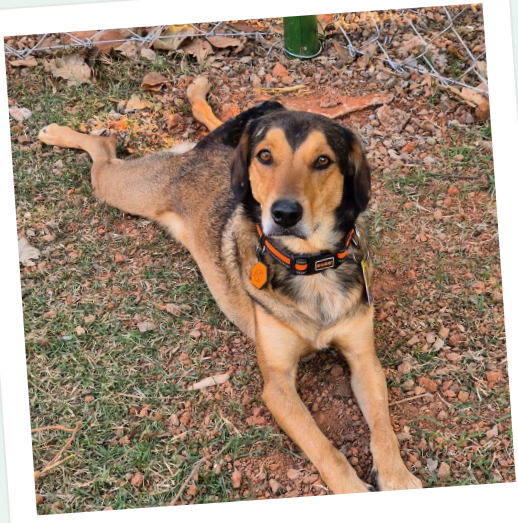
1	Para o Poze	6
2	A primeira hora	10
3	O cão que sumiu não é o cão que você conhece	15
4	Não chame. Não corra. Não pegue.	23
5	A rede de avisos	30
6	Montar a operação	41
7	A busca a pé	52
8	Tecnologia	62
9	Usar cães na busca	73
10	Atrair e capturar	81
11	Para imprimir e levar	88
12	Se os dias passarem	99
13	Lidando com o luto	106

CAPÍTULO

1

Para o Poze

Este manual existe por causa de um cão brasileiro muito amado.



Poze

O **Poze** desapareceu durante uma viagem à Argentina. **Giovanni** e **Amanda**, seus pais, foram incansáveis na busca, e contaram com a ajuda do time da Dogo ao longo dela.

O que está neste livro são as mesmas instruções que passamos a eles. Decidimos reuni-las num manual porque nenhuma família deveria precisar descobrir tudo isto do zero, no pior dia da vida dela, com o relógio correndo.

A família do Poze pode ser acompanhada em @matueofrentista.

É isso que o Poze deixa para outras famílias: um caminho já aberto. Se este livro poupar a alguém uma única hora — a hora certa —, terá feito o que se propôs.

De Giovanni, para o Poze

Para o Poze,

eu ainda penso em tudo o que poderia ter sido diferente. Mas, aos poucos, tenho tentado pensar mais em tudo aquilo que a gente viveu. E a gente viveu muito. Desde quando você apareceu no meu posto. Desde quando eu achava que era eu quem tinha te resgatado.

> **Tem coisas que acontecem e que a gente nunca vai entender. Eu daria tudo para ter tido mais tempo com você, mas nunca trocaria o tempo que tivemos só para não sentir a falta que eu sinto de você hoje. Por mais que a saudade doa, ela também me lembra que antes dela existiu uma vida de amor. E que sorte a minha ter vivido um pedaço da sua.**

Obrigado, Poze. Te amo, Poze.

— Giovanni

DICA DO TREINADOR

Para onde vai parte deste livro Uma parte da receita deste ebook é destinada a **abrigos que acolhem animais encontrados**. São eles que recebem o cão que alguém achou na estrada e não soube de quem era — e é de lá que sai boa parte dos reencontros que acontecem tarde. **50% de tudo o que for doado vai para abrigos que acolhem animais encontrados.** Doar agora

Para o Poze. E para todo cão que ainda está lá fora, com alguém procurando.

DICA DO TREINADOR

Continue com a Dogo Se este manual foi útil, o trabalho que evita precisar dele é o de todo dia: chamada confiável, leitura de linguagem corporal, dessensibilização a barulho e passeio seguro. É exatamente o que o **Dogo** faz — programas curtos, guiados em vídeo, para fazer em casa. Esses programas são desenvolvidos com **treinadores e médicos-veterinários especializados em comportamento animal**. Foram essas mesmas pessoas que orientaram o conteúdo deste manual — da leitura de temperamento da Parte 1 à recuperação comportamental da Parte 10. dogo.app

Lembre-se

- ✓ Este manual existe por causa de um cão brasileiro muito amado.

Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

2

A primeira hora

Se seu cão sumiu há poucos minutos, pare de ler o resto do livro e comece por aqui. São oito coisas, nesta ordem, e nenhuma delas exige experiência prévia.



Como usar este livro

Este manual não foi feito para ser lido inteiro. Ele é uma caixa de ferramentas, não uma narrativa. Vá direto ao que a sua busca precisa agora e deixe o resto para quando — e se — fizer falta.

- Acabou de acontecer? A primeira hora
- Ele foge de você? Partes 1 e 2
- Tem gente para organizar? Partes 4 e 5
- Cão medroso, que evita todo mundo? Parte 8
- Precisa de formulários? Parte 9
- Já se passaram dias? Parte 10

Cada capítulo começa com um resumo de uma ou duas linhas, para você decidir em segundos se aquele é o seu capítulo agora.

E se você preferir **perguntar em vez de ler** — o que faz todo sentido em quem está no meio de uma busca —, o chat do **app Dogo** é atendido por uma IA treinada com este mesmo conteúdo. Você descreve a sua situação e recebe a orientação para ela, sem precisar caçar o capítulo. Baixe o app e comece o teste gratuito: o chat está incluído. dogo.app

Leia isto primeiro

Se seu cão sumiu há poucos minutos, pare de ler o resto do livro e comece por aqui. São oito coisas, nesta ordem, e nenhuma delas exige experiência prévia.

Antes, uma coisa que costuma ajudar a ouvir: o medo e a pressa que você está sentindo agora são a reação normal de quem gosta de um animal. Eles não atrapalham a busca. O que este capítulo faz é dar uma direção a eles.

1. **Se possível, pare de correr atrás dele** — Se você ainda o vê, evite correr na direção dele e evite gritar. Correr atrás é o impulso de qualquer pessoa, e praticamente todo mundo faz isso antes de saber — inclusive gente experiente. Acontece que um cão assustado lê a corrida como perseguição e se afasta mais. Se você já correu, tudo bem: o que conta é a partir de agora.

2. **Congele o ponto** — Vá até o lugar exato onde ele foi visto pela última vez e marque a coordenada no celular. Esse é o PUV — Ponto de Última Visualização. Todo o resto da busca é desenhado a partir dele. Se ninguém marcou na hora, não tem problema: reconstrua com quem estava junto e use a melhor estimativa do grupo — um ponto aproximado já organiza a busca.

3. **Faça silêncio** — Ninguém grita o nome dele. Ninguém apita. Chamar em coro é o que quase todo grupo faz no começo, e a Parte 2 explica por que costuma dar o resultado oposto do esperado. Silêncio também permite ouvir: um cão preso ou machucado costuma ser encontrado pelo ouvido, não pelo olho.

4. **Deixe uma âncora de cheiro** — Traga para o PUV uma peça de roupa que você usou o dia inteiro — quanto mais suada, melhor —, a cama dele e a caixa de transporte, se houver. Não espalhe comida ainda: nas primeiras horas ela atrai fauna que pode afastar seu cão do ponto.

5. **Deixe uma pessoa parada ali** — Uma pessoa, sentada no chão, quieta, por pelo menos uma hora — de preferência a pessoa com quem o cão tem o vínculo mais forte. Um cão que fugiu em pânico costuma voltar ao ponto onde perdeu o dono assim que se acalma, qualquer que tenha sido o motivo do susto.

6. **Faça três ligações** — Canil ou centro de zoonoses do município; clínicas veterinárias num raio de 30 km; e a empresa do microchip, para marcar o cão como desaparecido e conferir se o seu telefone está atualizado no cadastro. Repita essas ligações a cada 24 horas.

7. **Publique um post-âncora** — Uma foto nítida, recente, colorida, mostrando o cão como ele realmente é. Local e horário do sumiço, seu telefone, e a frase **"não persiga, não chame — ligue para mim"**. Guarde um detalhe de identificação para você (uma marca, uma cicatriz, a cor da coleira): ele será sua ferramenta contra golpistas.

8. **Comece a anotar** — Um caderno ou uma planilha. Cada avistamento: hora, local, quem viu, direção em que o cão seguia, quão certa a pessoa está. Informação vira o recurso mais escasso da operação, e ninguém consegue guardar isso de cabeça depois de algumas horas de tensão — não é falta de atenção, é como a memória funciona sob estresse.

NOTA DE SEGURANÇA

Quatro coisas que costumam render menos Mobilizar dezenas de pessoas gritando o nome dele pelo mato. É a reação mais natural do mundo, e por isso vale avisar: costuma espalhar o cão para mais longe em vez de aproximá-lo. **Anunciar uma recompensa alta em dinheiro.** Ela atrai golpistas e faz estranhos correrem atrás do seu cão para "ganhar" o prêmio, o que tende a empurrá-lo para longe. **Sair dirigindo sem rumo.** Dá a sensação de estar agindo, mas cobre estrada e não terreno, e consome as primeiras horas. **Esperar só que ele volte sozinho de noite.** Muitos voltam mesmo — e ainda assim vale fazer a lista acima em paralelo, porque ela custa pouco e amplia as chances.

Lembre-se

- ✓ Se seu cão sumiu há poucos minutos, pare de ler o resto do livro e comece por aqui.
- ✓ São oito coisas, nesta ordem, e nenhuma delas exige experiência prévia.

Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

3

O cão que sumiu não é o cão que você conhece

Antes de decidir onde procurar, você precisa responder a uma pergunta: que tipo de cão está lá fora? Não a raça — o estado mental.



1.1 O modo de sobrevivência

> **Um cão perdido entra em estresse agudo e passa a agir por sobrevivência, não por vínculo. Planeje para o cão em pânico, mesmo que o seu seja o mais dócil do mundo.**

Um cão perdido deixa de ser um animal doméstico em questão de minutos. O ambiente desconhecido dispara uma resposta de estresse agudo — cortisol, pupila dilatada, sistema de luta ou fuga ligado. Nesse estado, o cérebro dele privilegia sobrevivência sobre vínculo. O reconhecimento social fica em segundo plano.

Daí vem uma consequência difícil de aceitar: **muitos cães perdidos fogem do próprio dono.** Se isso acontecer com você, não é rejeição e não diz nada sobre o vínculo de vocês — naquele estado, qualquer coisa que se aproxime depressa é lida como ameaça. É uma informação que quase ninguém tem antes de precisar dela.

DICA DO TREINADOR

Regra de ouro O comportamento do seu cão em casa não prevê o comportamento dele perdido. Vale planejar para o cão em pânico, mesmo que o seu seja o mais dócil do mundo: se ele estiver calmo, você não perde quase nada com o excesso de cuidado; se estiver em pânico, o cuidado é justamente o que faz diferença.

1.2 Os três perfis e a distância que cada um percorre

> **Sociável, reservado ou medroso — o perfil prevê onde procurar. Sociável costuma aparecer em até 800 m; medroso pode andar de 3 a 8 km nas primeiras 24 horas.**

Décadas de casos catalogados por equipes de recuperação de animais mostram que cães perdidos caem em três grandes padrões de comportamento, e que o padrão prevê razoavelmente bem onde o cão vai ser encontrado. Descubra em qual deles o seu se encaixa antes de desenhar o mapa.

Perfil comportamental × estratégia de busca

- **Sociável** — Diante de estranhos: Vai direto na primeira pessoa que o chamar; Distância típica: Perto: cerca de 75% aparecem em até 800 m; Onde procurar primeiro: Casas, quintais, comércio e pessoas ao redor do PUV. O risco maior não é o mato — é alguém "recolher" e ficar com ele.
- **Reservado** — Diante de estranhos: Aceita comida, não deixa encostar; Distância típica: Longa; pode ficar semanas sumido; Onde procurar primeiro: Bordas de mata, terrenos baldios, áreas com comida acessível. Resolve-se com estação de alimentação e câmera, não com voluntários batendo o mato.
- **Medroso / em pânico** — Diante de estranhos: Foge de todos — inclusive de você; Distância típica: 3 a 8 km nas primeiras 24 h; Onde procurar primeiro: Longe e escondido. Vale priorizar avisos e cartazes nas estradas da região. Em vez de chamar ou seguir, use atração passiva e captura planejada.

DICA DO TREINADOR

No app Dogo Se você não sabe em qual perfil o seu cão se encaixa, o material de linguagem corporal do **Dogo** ajuda a reconhecer medo, insegurança e estresse antes que virem fuga. É o tipo de coisa que vale saber *antes* de precisar — e responde à primeira pergunta desta busca.

Cães que normalmente são sociáveis também entram no perfil de pânico quando o sumiço foi traumático — um acidente, fogos de artifício, uma tempestade, uma fuga de dentro do carro. O gatilho importa tanto quanto a personalidade.

1.3 Os seis fatores que mudam a distância

> **Temperamento, circunstância, clima, terreno, aparência e densidade populacional ajustam o raio. Fora da cidade, ele precisa ser bem maior.**

O perfil comportamental é o principal, mas não é o único. Ao estimar seu raio de busca, ajuste por estes seis:

1. **Temperamento** — o fator dominante, conforme a tabela acima.
2. **Circunstância do sumiço** — fugiu com medo, foi atrás de outro animal, ficou para trás numa trilha ou saiu explorando? Cada uma gera um vetor diferente.
3. **Clima** — chuva forte, frio e vento encurtam o deslocamento e empurram o cão para abrigo. Tempo bom permite que ele ande mais.
4. **Terreno** — mata fechada, encosta íngreme e cerca reduzem drasticamente a distância; campo aberto e estrada de terra a multiplicam.

5. **Aparência** — um cão grande, magro e sem coleira parece cão de rua e é ignorado; um cão pequeno, limpo e de coleira é recolhido rápido. Quem parece "de alguém" percorre menos distância.
6. **Densidade populacional** — na cidade alguém intervém em minutos. Na zona rural ou na montanha, ninguém intervém. É por isso que a mesma raça, com o mesmo temperamento, precisa de um raio muito maior fora da cidade.

1.4 Como um cão se move pelo terreno

> **Cães seguem o caminho de menor resistência: trilhas, estradas, bordas de mata. Evitam água e mata fechada. Marque os funis — é por ali que ele passa.**

Cães não caminham em linha reta e não escolhem o caminho difícil. Eles seguem o **caminho de menor resistência** na grande maioria do tempo. Isso é uma vantagem enorme para você: significa que o deslocamento dele é previsível a partir do mapa.

O que ele segue

- Trilhas, estradas de terra, aceiros, linhas de transmissão, gasodutos e leitos secos de córrego.
- Bordas — a divisa entre mata e pasto, entre floresta e rodovia. A faixa de vegetação rasteira ao lado de uma estrada é uma via de deslocamento clássica.
- Curvas de nível: em terreno acidentado, cães tendem a contornar a encosta em vez de subir de frente.

O que ele evita

- Água. A maioria dos cães não atravessa poças e córregos — ou procura o ponto mais estreito para cruzar. Marque esses estrangulamentos no mapa: são pontos de passagem obrigatória.
- Mata muito fechada, espinho, rocha exposta, encosta muito íngreme.
- Cercas — que funcionam como paredes e desviam o trajeto lateralmente por quilômetros.

DICA DO TREINADOR

Funis Onde o terreno estrangula — uma ponte, uma porteira, um vale estreito, um bueiro sob a rodovia, uma passagem de gado —, o cão é obrigado a passar por ali. São os melhores lugares do mapa para colocar uma câmera de trilha ou uma estação de alimentação, porque concentram a probabilidade num ponto pequeno.

1.5 O relógio do cão

> **Ele se movimenta ao amanhecer e ao anoitecer, e fica parado no calor do dia. Concentre a busca nessas duas janelas.**

Um cão perdido tem rotina, e ela não é a sua. Ele se movimenta principalmente no fim da tarde, à noite e na madrugada, quando está fresco e quieto, e passa o meio do dia deitado na sombra, imóvel. Buscar às duas da tarde num dia quente é buscar um animal parado e escondido — não impossível, mas ineficiente.

Duas janelas valem mais que o resto do dia somado: **da primeira luz até umas duas horas depois do amanhecer**, e **o crepúsculo até o começo da noite**. São os horários de deslocamento e de bebida, e também os mais silenciosos, o que aumenta a chance de você ouvi-lo.

Se você conhece os horários em que ele costuma beber água em casa, use isso: cães mantêm hábitos. Fontes de água próximas ao PUV, monitoradas nesses horários, são pontos de altíssima probabilidade.

1.6 Frio e chuva: o que muda a urgência

> **O que acelera a perda de calor é o pelo molhado, não o frio em si. Priorize as primeiras noites de chuva e os locais que oferecem abrigo seco.**

A temperatura normal de um cão fica entre 38,3 °C e 39,2 °C; abaixo de cerca de 37,2 °C ele já está em hipotermia. Vale conhecer esses números não para assustar, mas porque eles ajudam a decidir onde colocar esforço primeiro.

O fator decisivo não é o frio: é a **água**. Pelo molhado perde a capacidade de isolar e o calor corporal escapa muito mais rápido. Um cão seco a 5 °C está desconfortável; o mesmo cão encharcado, com vento, perde calor muito mais depressa. Cães de pelo curto, magros, filhotes, idosos e doentes são os mais sensíveis.

Comida é a menor das preocupações: um cão adulto saudável aguenta vários dias sem comer. O que pesa é água, abrigo e temperatura. Na prática isso dá uma prioridade clara — **concentrar esforço nas primeiras noites de chuva** e direcionar recursos para locais que oferecem abrigo seco — sob barrancos, dentro de bueiros, embaixo de construções, em pilhas de galhos, sob folhagem densa e perene.

NOTA DE SEGURANÇA

Se o clima virar Chuva, queda de temperatura e escuridão são risco para o cão e para os voluntários. Tenha um horário-limite definido no briefing, um ponto de reagrupamento e uma condição objetiva de encerramento — "às 18h todo mundo sai, chova ou não". Assim a equipe chega inteira ao dia seguinte, que é quando ela ainda vai ser necessária.

Lembre-se

- ✓ Um cão perdido entra em estresse agudo e passa a agir por sobrevivência, não por vínculo. Planeje para o cão em pânico, mesmo que o seu seja o mais dócil do mundo.
- ✓ Sociável, reservado ou medroso — o perfil prevê onde procurar. Sociável costuma aparecer em até 800 m; medroso pode andar de 3 a 8 km nas primeiras 24 horas.
- ✓ Temperamento, circunstância, clima, terreno, aparência e densidade populacional ajustam o raio. Fora da cidade, ele precisa ser bem maior.

Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

4

Não chame. Não corra. Não pegue.

Esta é a parte mais curta do manual e a mais importante.



DICA DO TREINADOR

Isto é para o perfil medroso, em pânico Tudo nesta parte foi escrito para o cão medroso ou em pânico descrito na 1.2 — aquele que foge de todo mundo, inclusive de você. Um cão sociável, ou que só está distraído (perseguindo outro animal, explorando, sem estar realmente com medo), costuma vir numa boa quando chamado por alguém que ele conhece. Você conhece o seu cão e a situação melhor do que qualquer regra deste livro: se chamar está funcionando, continue chamando — a decisão é sua. Esta parte existe para quando isso parar de funcionar, ou nunca tiver funcionado.

2.1 Por que chamar o nome se volta contra você

> **Chamar o nome vira gatilho de fuga depois de algumas tentativas de captura. Se ele já fugiu de você, provavelmente é isso — e não algo que você fez de errado.**

O instinto de todo mundo ao avistar um cão perdido é chamá-lo pelo nome e caminhar até ele. Com um cão em estado normal, funciona. Com um cão em pânico, costuma fazer o contrário do esperado.

Quando várias pessoas já tentaram capturá-lo — vizinhos, estranhos, voluntários bem-intencionados —, ser chamado passa a ser um **gatilho aprendido**: a voz humana chamando precede a tentativa de agarrar. Depois de algumas repetições, o cão dispara no instante em que ouve uma voz chamando. Inclusive a sua. Se o seu cão já fugiu de você depois de ter sumido, é provavelmente isso — e não algo que você tenha feito de errado.

O mesmo vale para correr. Correr na direção de um cão é linguagem de predador. Ele não avalia a intenção, avalia o movimento.

> **Um cão em pânico não está desobedecendo. Ele não está mais ouvindo.**

2.2 Sinais de calma: o protocolo de avistamento

> **Ao avistar: congele, vire de lado, sente no chão, desvie o olhar e jogue comida. Deixe que ele venha. Pode levar horas, e a lentidão é o que funciona.**

Se você avistar o cão — seu ou de outra pessoa —, esta é a sequência usada por equipes de recuperação de animais. Ela é lenta de propósito, e a lentidão é justamente o que a faz funcionar.

1. **Congele** — Pare onde está. Não dê nem mais um passo na direção dele. Se ele já te viu, você tem alguns segundos antes de a decisão de fuga se consolidar.

2. **Vire de lado e fique pequeno** — Nunca de frente, nunca encarando — olhar direto é ameaça. Vire o ombro para ele, sente-se ou deite-se no chão. Um corpo baixo e de perfil desliga boa parte do alarme.

3. **Desvie o olhar** — Olhe para o chão ou para o lado, com olhadas rápidas e ocasionais. Boceje. Respire devagar e visivelmente. São sinais que cães leem como "não sou uma ameaça".

4. **Jogue comida forte no chão** — Salsicha, frango, patê, queijo — quanto mais cheiroso, melhor. Jogue a alguns metros de você, sem olhar para ele, e continue ignorando. Depois jogue um pouco mais perto. E de novo. Você está negociando distância, não tempo.

5. **Se falar, fale baixo e monótono** — Nada de nome, nada de comandos, nada de voz aguda e animada. Uma conversa entediada consigo mesmo é melhor que qualquer chamado.

6. **Deixe ele vir. Sempre ele.** — Pode levar minutos ou horas. Não estenda a mão. Não se levante. Não tente "aproveitar" o momento em que ele chega perto — é exatamente aí que a maioria das aproximações se perde.

DICA DO TREINADOR

No app Dogo Sinais de calma são linguagem canina, não truque de adestramento. Quem já treinou leitura corporal executa esta sequência muito melhor sob pressão. Vale passar o material de linguagem corporal e sinais de apaziguamento do **Dogo** aos voluntários antes do briefing — são cinco minutos que mudam o resultado de um encontro.

2.3 Ele chegou perto. E agora?

> **Não segure a coleira. Deixe que ele encoste em você várias vezes, ou conduza-o comendo até um espaço fechado.**

Quando o cão finalmente se aproxima e come perto de você, ainda falta um pedaço. O reflexo de esticar a mão e segurar a coleira é quase irresistível — e é onde muitas aproximações se desfazem no último segundo, porque o cão aprende que chegar perto termina em captura.

- **Não agarre a coleira.** Deixe que ele encoste em você primeiro, várias vezes, enquanto come.
- Se e quando ele estiver relaxado e comendo ao seu lado, passe uma guia laço por cima do pescoço num movimento contínuo — de baixo para cima, nunca por cima da cabeça de frente.
- Melhor ainda: em vez de capturar no aberto, conduza-o comendo até um espaço fechado — um quintal, um cercado, um galpão, um carro com a porta aberta — e feche a saída.

DICA DO TREINADOR

A regra para voluntários Um voluntário que encontra o cão **não deve tentar capturá-lo**. Deve sentar no chão, ficar quieto, mandar a localização exata, ligar para o coordenador e **monitorar de longe** até o dono chegar. O vínculo do dono e a calma de quem já sabe a técnica valem mais que a pressa de quem achou primeiro. Por isso todo voluntário carrega uma guia ou corda: não para sair capturando, mas para o caso improvável de o cão vir voluntariamente até ele.

2.4 As cinco frases do briefing

> **As cinco regras que todo voluntário precisa ouvir em voz alta antes de entrar no mato.**

Antes de qualquer pessoa entrar no mato, ela precisa ter ouvido — em voz alta, de você — estas cinco frases:

1. Se você vir o cão, **não chame o nome dele**.
2. **Não corra** na direção dele, nem para "dar a volta".
3. **Não tente pegar.** Sente no chão, de lado, e jogue comida.
4. **Mande a localização** e ligue para o coordenador imediatamente.
5. Se ele fugir, **não persiga** — anote a direção e o horário. Essa informação vale mais do que a perseguição.

Lembre-se

- ✓ Chamar o nome vira gatilho de fuga depois de algumas tentativas de captura. Se ele já fugiu de você, provavelmente é isso — e não algo que você fez de errado.
- ✓ Ao avistar: congele, vire de lado, sente no chão, desvie o olhar e jogue comida. Deixe que ele venha. Pode levar horas, e a lentidão é o que funciona.
- ✓ Não segure a coleira. Deixe que ele encoste em você várias vezes, ou conduza-o comendo até um espaço fechado.

Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

5

A rede de avisos

Boa parte dos cães perdidos não é encontrada por quem procura. É encontrada por um estranho que topou com o animal e soube o que fazer.



3.1 Ancorar o ponto

> **Fixe PUV, PUC e PPI com coordenadas, não com descrições. Sem centro não há raio, e sem raio não há plano.**

Equipes de resgate não dizem “ele sumiu ali por perto”. Elas fixam três pontos, porque cada um responde uma pergunta diferente:

- PUV **Ponto de Última Visualização** — onde alguém confiável viu o cão pela última vez, com hora.
- PUC **Ponto de Último Contato** — o último vestígio confirmado: uma pegada, uma pista de câmera, um sinal de GPS. Pode ser mais recente e mais distante que o PUV.
- PPI **Ponto de Planejamento Inicial** — o ponto que você escolhe como centro do mapa. Normalmente é o PUC, se ele for confiável; senão, o PUV.

Anote coordenadas, não descrições. “Perto da porteira do sítio” significa coisas diferentes para cinco pessoas diferentes, e três dias depois ninguém lembra qual porteira era.

3.2 A lista de telefonemas

> **Abrigos num raio de 30 km, veterinários, microchip, concessionária e entregadores. Refaça a cada 24 horas e vá pessoalmente quando puder.**

Faça todas, e refaça a cada 24 horas. Sistemas de recolhimento ficam sobrecarregados e descrições por telefone falham — sempre que puder, vá pessoalmente e olhe os animais com seus próprios olhos.

- Canil municipal, centro de zoonoses e abrigos — **todos num raio de pelo menos 30 km**, não só o da sua cidade. Um cão perdido na cidade A é recolhido na cidade B.
- Clínicas veterinárias e pet shops. A recepção é quem ouve falar de cão machucado, cão achado, cão sem dono aparecendo.
- ONGs e protetores independentes da região — costumam ter a rede de informação mais rápida que existe localmente.
- Empresa do microchip: marque o cão como desaparecido e confirme que o telefone cadastrado é o seu, hoje.
- Concessionária da rodovia e serviço de recolhimento de animais nas vias.
- Carteiros, entregadores de aplicativo, motoristas de van escolar e de ônibus, coletores de lixo. Essas pessoas cobrem, todo dia, muito mais terreno que qualquer voluntário seu.

3.3 Zona rural: quem realmente conhece aquele mato

> **Sitiantes, pastores e caçadores cobrem todo dia o terreno que sua equipe levaria semanas para varrer — e sabem ler sinais que voluntários não veem.**

Fora da cidade, a rede muda completamente — e melhora, se você souber a quem falar. Sitiantes, peões, pastores, madeireiros e tratoristas circulam diariamente por áreas que sua equipe levaria uma semana para varrer, e reconhecem o que está fora do normal na paisagem deles.

Avise os caçadores — pelos dois motivos

Se houver caça na região, procurar as associações e os grupos de caçadores locais é uma das providências mais importantes que você pode tomar, por duas razões independentes:

- **Segurança.** Um cão solto no mato pode ser confundido com animal de caça ou com cão feral atacando rebanho. Avisar reduz esse risco de forma concreta.
- **Competência.** Caçadores são especialistas em ler sinais: pegada, fezes, pelo preso em arame, vegetação amassada, direção de fuga. É exatamente a habilidade que a sua busca precisa e que a maioria dos voluntários não tem.

Fale também com quem cria gado ou ovelhas. Eles precisam saber que há um cão perdido na área antes de tirarem suas próprias conclusões sobre um cão desconhecido rondando o rebanho.

3.4 Cartazes que funcionam

> **Cinco segundos de leitura: título grande, foto real, telefone e “não persiga”. Sem filtro, sem retoque e sem imagem gerada por IA.**

Um cartaz é lido em cinco segundos, muitas vezes por alguém dentro de um carro em movimento. Tudo o que não couber nesses cinco segundos é desperdício de papel.

O que entra

- **“CÃO PERDIDO”** em caixa alta, fonte sem serifa, ocupando cerca de um quarto do cartaz.
- **Uma foto** — recente, colorida, nítida, mostrando o cão de corpo inteiro como ele realmente é. Não a foto fofa de aniversário; a foto que permite reconhecê-lo.
- **Telefone em números grandes**, legíveis de longe.
- **Onde e quando sumiu.**
- **“NÃO PERSIGA — LIGUE”**. Esta linha economiza quilômetros.

O que fica de fora

História, parágrafos, apelo emocional, lista de características, valor da recompensa em destaque. Duas ou três cores no máximo — vermelho, laranja e amarelo comunicam urgência. Imprima grande e plastifique, ou coloque num saco plástico transparente: um cartaz borrado pela chuva deixa de comunicar, e o lugar dele no poste fica ocupado.

NOTA DE SEGURANÇA

Não deixe o cartaz parecer feito por IA Hoje é muito fácil gerar um retrato ilustrado do seu cão, um layout caprichado ou um texto emotivo bem escrito. Vale resistir, por dois motivos. **O primeiro é prático.** Quem pode reconhecer seu cão precisa comparar o cartaz com o animal que viu na rua. Ilustração, filtro, fundo trocado, recorte e retoque atrapalham exatamente essa comparação — e reconhecimento é a única função da imagem. **O segundo é de atenção.** A estética de conteúdo gerado por IA ficou reconhecível e está em toda parte, e as pessoas já treinaram o olho para tratá-la como publicidade. Um cartaz com cara de anúncio é ignorado justamente no momento em que você precisa que alguém pare para olhar. Uma foto real, tirada por você no celular — mesmo torta, mesmo sem enquadramento bonito —, comunica que aquilo é urgente e verdadeiro. É isso que faz alguém parar. O mesmo vale para as publicações nas redes: texto simples, direto e escrito por você funciona melhor que texto polido.

Onde colocar

Na altura dos olhos, em cruzamentos, entradas de bairro, postos de gasolina, mercadinhos, veterinários, escolas, pontos de ônibus e portarias. Na zona rural: porteiras, agropecuárias e lojas de ração, cooperativas, borracharias, postos de estrada e igrejas. Confira as regras locais sobre fixação em postes antes de sair colando.

DICA DO TREINADOR

Dois canais que a cidade esqueceu Igrejas. Peça ao padre ou pastor para anunciar no fim da missa ou do culto. Em cidades pequenas e áreas rurais, esse é o meio de comunicação de maior alcance real que existe, e é gratuito. **Rádio local.** Emissoras AM e rádios comunitárias falam com quem está dirigindo, trabalhando na roça e ouvindo em casa — exatamente as pessoas que podem cruzar com seu cão.

3.5 Internet: alcance certo, não alcance grande

> **Alcance certo vale mais que alcance grande. E delegue: esta é a parte da busca que melhor se entrega a quem não pode ir a campo.**

Um post normal alcança os seus amigos — que, em geral, moram longe do lugar onde seu cão está andando. Quem vai encontrar seu cão é um estranho num raio de poucos quilômetros do PUV. Todo o seu trabalho digital consiste em corrigir esse desencontro.

DICA DO TREINADOR

Isto aqui você não precisa fazer sozinho Tudo o que vem nesta seção é trabalho de celular — e trabalho de celular é a parte da busca que **melhor se delega**. Você costuma render mais em campo, onde conhece o cão, o terreno e as pessoas. Ficar preso ao telefone respondendo mensagem é uma troca ruim. Pense em quem gosta de você e do seu cão mas não consegue ir a campo: quem mora longe, quem tem limitação de mobilidade, quem não pode faltar ao trabalho, quem está com criança pequena, quem não aguentaria oito horas de caminhada. Essas pessoas frequentemente se sentem inúteis numa hora dessas — e são exatamente as certas para esta tarefa. Varrer grupos, publicar todos os dias, responder mensagens e filtrar pistas é trabalho real, importante, e pode ser feito de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora. **Como montar:** duas ou três pessoas, cada uma com um turno do dia. Elas varrem os grupos, publicam, respondem, checam anúncios de cão achado e de doação — e só repassam a você o que for acionável: um avistamento com hora e local. Todo o resto elas absorvem, inclusive as mensagens que só fazem doer.

- **Grupos de achados e perdidos no Facebook** — o da sua cidade e os das cidades vizinhas, mais grupos de bairro, de trilha, de pesca e de caça da região. Costumam ser dezenas, e vale entrar em todos. (time de triagem: entrar, publicar e revisitar todo dia)

- **Grupos de WhatsApp** — condomínio, rua, comunidade rural, associação de moradores, grupo da escola, grupo da igreja. O alcance é menor que o do Facebook, mas a taxa de leitura é quase total. (peça a alguém da família que já esteja nesses grupos)

- **Impulsionamento geolocalizado.** Pague para exibir o post a pessoas dentro de um raio ao redor do PUV — tipicamente de 2 a

15 km, conforme a densidade. É barato, e é a diferença entre falar com seus amigos e falar com os vizinhos do seu cão. Segmentar por interesse em animais aumenta a relevância. Anúncios do Google cumprem papel parecido para quem pesquisa “cachorro achado” com o nome da sua cidade. (delegue a quem tiver mais familiaridade com anúncios)

- **Stories com marcação de localização**, pedindo repost para quem mora na área. (qualquer pessoa com muitos seguidores na região)
- **Publique todos os dias.** O alcance de um post e a memória das pessoas decaem na mesma velocidade. (é a tarefa mais fácil de esquecer no meio da busca, e a mais fácil de delegar)

Se você tem seguidores, público ou uma rede grande, essa rede é um recurso — mas administrá-la é um trabalho em tempo integral, e não é o seu trabalho esta semana. Entregue-a a quem quer ajudar e não tem como estar no mato.

3.6 Golpistas

> **Guarde um detalhe de identificação em segredo — é a sua ferramenta de verificação. Nenhum abrigo real cobra resgate por telefone.**

Posts de animais perdidos são varridos por golpistas justamente porque anunciam uma pessoa desesperada e com dinheiro disponível. O golpe padrão: alguém liga dizendo estar com seu cão, muitas vezes “ferido”, e pede dinheiro adiantado para cuidados, transporte ou “resgate”. Variações se passam por abrigo ou clínica veterinária.

Sinais de alerta

- Pedido de pagamento antecipado, especialmente por transferência instantânea, cartão-presente ou aplicativo de pagamento entre pessoas.
- Recusa ou desculpa para não mandar uma foto atual do cão (“estou sem sinal”, “meu celular não tira foto”).
- Pressa e pressão emocional; insistência para sair da plataforma e conversar em outro canal.
- Detalhes que batem exatamente com o que você publicou — e com nada além disso.

Como verificar

- **Guarde um detalhe.** Ao publicar, omita deliberadamente uma característica: uma cicatriz, uma mancha na barriga, a cor exata da coleira, um cacoete. Peça esse detalhe a quem ligar. É a sua melhor ferramenta de verificação.
- **Peça uma foto agora**, segurando algum objeto qualquer, ou um vídeo curto. Quem está mesmo com o cão consegue.
- **Se disserem ser abrigo ou clínica, desligue** e ligue de volta usando o número do site oficial, nunca o número que a pessoa forneceu.
- **Nunca vá sozinho** a um encontro. Local público, movimentado, com companhia.

NOTA DE SEGURANÇA

Lembre-se Abrigo de verdade não cobra resgate por telefone e não retém animal como refém. Nenhum pagamento adiantado é necessário para você reencontrar seu cão.

Lembre-se

- ✓ Fixe PUV, PUC e PPI com coordenadas, não com descrições. Sem centro não há raio, e sem raio não há plano.
- ✓ Abrigos num raio de 30 km, veterinários, microchip, concessionária e entregadores. Refaça a cada 24 horas e vá pessoalmente quando puder.
- ✓ Sitiantes, pastores e caçadores cobrem todo dia o terreno que sua equipe levaria semanas para varrer — e sabem ler sinais que voluntários não veem.

Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

6

Montar a operação

A partir do segundo dia, ou assim que houver mais de cinco pessoas envolvidas, procurar deixa de ser um esforço e passa a ser uma operação.



4.1 O ciclo de seis passos

> **Avaliação, contingências, objetivos e mapa, recursos, preparação e ação — e de volta ao começo a cada turno, com a informação nova.**

Não é uma lista para cumprir uma vez. É um ciclo: quando a última etapa termina, ou quando aparece informação nova, você volta ao começo. Na prática, roda a cada turno — de manhã e no fim da tarde.

O ciclo não tem fim, tem voltas. Cada turno de busca é uma volta inteira. Um avistamento novo, uma imagem de câmera ou um setor descartado não entram no meio do caminho: eles alimentam a próxima Avaliação, que reordena o mapa e as prioridades. Buscas longas fracassam quando a equipe repete a Ação sem nunca voltar ao passo 1.

DICA DO TREINADOR

De onde vem este método Este não é um esquema inventado para cães. É o ciclo de resposta usado e recomendado por instituições de busca e salvamento que procuram *pessoas* desaparecidas — entre elas a Tayside & Central Scotland Search and Rescue, cujo material público sobre o processo de seis passos serviu de base para esta parte, ao lado dos manuais de gestão de busca da SARBC. O que a Dogo fez foi **adaptá-lo ao comportamento canino**: trocar o perfil do sujeito humano pelos três perfis da Parte 1, substituir a entrevista de testemunhas pela leitura de temperamento e de gatilhos, e acrescentar as frentes que só existem quando se procura um animal — atração passiva, estação de alimentação, captura humanitária e uso de cães de faro. A estrutura de decisão é a mesma que salva pessoas; o conteúdo de cada passo é canino.

1. **Avaliação** — Quem é o cão, o que aconteceu, como está o ambiente. É aqui que a busca ganha direção.
2. **Contingências** — O que pode dar errado nas próximas horas e o que vocês fazem quando der.
3. **Objetivos e mapa** — O que significa sucesso neste turno, e em quais setores vocês vão gastá-lo.
4. **Recursos** — Quem está disponível, com qual habilidade e qual equipamento.
5. **Preparação** — Posto de comando, briefing, controle de quem entra e quem sai.
6. **Ação** — Contenção, busca rápida, varredura sistemática, atração passiva. Depois volte ao passo um.

4.2 Avaliação: as perguntas que abrem a busca

> **As perguntas sobre o cão, o evento e o ambiente que definem onde procurar. Termine perguntando: se eu fosse ele, para onde teria ido?**

Responda por escrito, com a equipe reunida. As respostas viram a ficha do cão (Anexo D) e são a base de todas as decisões seguintes.

Sobre o cão

- Ele é medroso, sociável ou reservado com estranhos? Como reage a barulho alto, a gente desconhecida, a outros cães?
- Idade, porte, condição física. Ele normalmente aguenta 3 km ou 15? É ativo ou preguiçoso?
- Problemas de saúde, medicação, visão, audição.
- Já viveu na rua? Já se perdeu antes? Já dormiu fora?
- Castrado? Fêmea no cio muda completamente o alcance e o comportamento — dele e dos cães da região.
- **O que atrai esse cão?** Outros cães, gado, gente com comida, água, caça, lixo, moto? A resposta aponta destinos concretos no mapa.

Sobre o que aconteceu

- Hora exata, local exato, quem estava junto.

- O que ele estava fazendo no instante em que sumiu, e em que direção seguiu.
- O que provocou a fuga — susto, perseguição, cheiro, outro animal, portão aberto?
- Estava de coleira? Com plaquinha? Com rastreador?
- Por onde vocês já passaram com ele antes — trilhas conhecidas, o caminho que fizeram na chegada. Cães voltam para rotas que já conhecem.

Sobre o ambiente

- Temperatura atual e previsão para as próximas 48 horas. Vai chover? Vai gelar de madrugada?
- Quantas horas de luz restam hoje.
- Tipo de terreno, densidade da vegetação, relevo.
- Onde tem água. Nascentes, córregos, bebedouros de gado, açudes.
- Perigos: rodovias, ferrovia, penhasco, animais perigosos, caça na região, cães de propriedade, armadilhas, cerca elétrica.
- Quem mora ou trabalha dentro do raio.

DICA DO TREINADOR

Pense como ele Depois de responder tudo, faça a pergunta final em voz alta com a equipe: **"se eu fosse esse cão, com medo, com fome e com frio, para onde eu teria ido?"** Escreva as três respostas mais fortes. Elas são suas hipóteses, e é sobre elas que o mapa vai ser priorizado.

4.3 Contingências

> **Decida antes: virada de tempo, falha de comunicação, emergência médica, voluntário perdido, cão avistado.**

Cinco minutos decidindo isso antes evitam duas horas de caos depois.

- **Virada de tempo.** Qual condição faz todo mundo sair do mato, e quem dá a ordem.
- **Falha de comunicação.** Boa parte da área provavelmente não tem sinal. Defina um canal reserva, um *ponto e horário fixo de reagrupamento* e uma regra simples: quem não conseguir falar, volta ao ponto no horário combinado.
- **Emergência médica.** Onde está o kit de primeiros socorros, quem tem carro, qual a rota de saída e o hospital mais próximo.
- **Voluntário perdido.** É o motivo pelo qual ninguém entra sozinho e todo mundo carrega apito.
- **Cão avistado.** Quem é acionado, quem se desloca, quem fica monitorando de longe — decidido *antes*, não no susto.
- **Se ele for encontrado precisando de cuidados.** Qual veterinário está de plantão, quem transporta, quem tem manta e caixa. Se

estiver preso ou em local de difícil acesso, o número do Corpo de Bombeiros e do grupo de resgate animal da região devem estar anotados *antes* de precisarem (seção 5.6).

4.4 Objetivos e mapa

> **Um círculo centrado no PPI, dividido em fatias, uma por dupla. Melhores recursos na hipótese mais forte, sem zerar as outras.**

O objetivo do turno não é "achar o cão". É algo verificável: cobrir os setores A, B e C; instalar duas estações de alimentação nos funis; confirmar ou descartar a hipótese da estrada velha. Objetivos verificáveis permitem saber, no fim do dia, se o dia rendeu.

O desenho do mapa é sempre o mesmo: um círculo centrado no PPI, dividido em fatias, com anéis de distância. Cada fatia recebe uma dupla. As fatias não têm o mesmo valor — e é isso que separa uma busca organizada de uma caminhada coletiva.

Setorização. O centro é o PPI. As fatias são numeradas e atribuídas a duplas — cada dupla é responsável por uma. O setor A está destacado por concentrar a hipótese mais forte: dentro dele, a dupla varre em serpentina, indo e voltando entre as bordas da fatia enquanto avança para fora, até chegar ao limite do raio.

Priorizar sem abandonar

Ordene suas hipóteses da mais para a menos provável e coloque **seus melhores recursos na fatia mais forte** — as pessoas mais experientes, o cão farejador, o drone térmico, o maior número de horas. Mas não zere as outras: cobertura fina em cinco fatias vale mais que cober-

tura zero em quatro, porque descartar terreno também é progresso. Um setor confirmadamente vazio é uma informação que encolhe o problema.

Registre a cobertura

Cada setor tem um estado: não coberto, parcial ou coberto. Sem esse registro, no quarto dia vocês vão estar varrendo pela terceira vez o mesmo trecho fácil perto da estrada enquanto o fundo do vale nunca foi visitado. Marque também os **pontos cegos**: brejo, barranco, mata impenetrável, propriedade fechada — eles voltam na Parte 10.

4.5 Recursos: nem todo voluntário serve para tudo

> **Separe as pessoas por habilidade e nunca deixe ninguém entrar sozinho. O posto de comando é o papel mais subestimado da operação.**

Triar as pessoas por habilidade não é ser exigente: é evitar que alguém despreparado vire a próxima emergência. Separe em papéis explícitos:

- **Mateiros** — quem conhece aquele terreno e sabe ler sinal. Vão para o setor prioritário.
- **Caminhantes** — bom condicionamento, aguentam oito horas. Varredura sistemática.
- **Motorizados** — carro alto ou moto, para estradas, funis e reposição de água e comida das estações.
- **Operadores** — quem tem drone, câmera de trilha, rádio.

- **Posto de comando** — alguém que fica no mapa, atende telefone e registra. É o papel mais subestimado e um dos mais decisivos.
- **Triagem digital** — remoto, cuidando de grupos, publicações e mensagens (seção 3.5). É o papel certo para quem quer muito ajudar e não pode ir a campo, e some da lista com frequência justamente por não acontecer no local da busca.

DICA DO TREINADOR

Sempre em dupla Ninguém entra no mato sozinho, sem exceção. Duplas se mantêm em segurança, mantêm o espaçamento da linha e conferem uma à outra. Quando possível, monte duplas mistas e com perfis complementares — alguém que conhece o terreno com alguém que tem fôlego, alguém experiente com alguém novo.

4.6 Preparação: o posto de comando

> **Um ponto fixo com o mapa, o telefone central e o controle de entrada e saída. Briefing no início do turno, desbriefing no fim.**

Escolha um ponto fixo — uma varanda, um galpão, o capô de uma caminhonete — e não o mude. Ali ficam o mapa grande, a lista de setores com seus estados, o telefone central divulgado nos cartazes, o caderno de avistamentos, água e comida.

Mantenha **controle de entrada e saída**: nome, telefone, setor, hora de entrada e hora prevista de retorno. Ninguém entra sem se registrar e ninguém vai embora sem avisar. É assim que você descobre em minutos, e não em horas, que alguém não voltou.

Faça um **briefing coletivo** no início de cada turno (roteiro no Anexo C) e um **desbriefing curto** no fim: cada dupla relata o que cobriu, o que viu e o que não conseguiu. Cinco minutos de desbriefing evitam que a informação mais valiosa do dia morra no cansaço de quem voltou.

4.7 Ação: três frentes ao mesmo tempo

> **Contenção das bordas, busca rápida nas hipóteses fortes e varredura sistemática — com atração passiva rodando o tempo todo.**

1 · Contenção

Antes de vasculhar o interior, cuide das bordas. Identifique por onde o cão sairia da área — rodovias, pontes, porteiras, cabeceiras de vale — e trate esses pontos com prioridade: cartazes, avisos aos moradores dos limites, câmeras nos funis. Conter a área é o que impede que todo o trabalho de hoje seja invalidado por um deslocamento de dez quilômetros durante a noite.

2 · Busca rápida

Duplas percorrendo trilhas, estradas, bordas de mata e cursos d'água nas direções das hipóteses mais fortes. Cobertura baixa, velocidade alta — e o melhor retorno por hora nas primeiras 48. Comece do PUV, com uma dupla em cada direção; cada dupla grava o trajeto no celular para que se saiba exatamente o que foi percorrido.

3 · Varredura sistemática

A linha de voluntários cobrindo um setor inteiro, descrita na Parte 5. Lenta, cara em gente e horas, mas é o que fecha um setor de verdade.

E, rodando em paralelo desde o primeiro dia, a **atração passiva**: estações de cheiro e alimentação, câmeras, monitoramento (Parte 8). É a frente que trabalha enquanto todo mundo dorme — e, com cães medrosos, é a que mais frequentemente resolve o caso.

Lembre-se

- ✓ Avaliação, contingências, objetivos e mapa, recursos, preparação e ação — e de volta ao começo a cada turno, com a informação nova.
- ✓ As perguntas sobre o cão, o evento e o ambiente que definem onde procurar. Termine perguntando: se eu fosse ele, para onde teria ido?
- ✓ Decida antes: virada de tempo, falha de comunicação, emergência médica, voluntário perdido, cão avistado.

Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

7

A busca a pé

Gente andando pelo mato é o recurso mais abundante e o mais mal aproveitado de qualquer busca.



5.1 O kit do voluntário

> **Doze itens obrigatórios. Mande a lista antes e confira no briefing; não confie no "eu levo".**

Ninguém entra no mato sem estes itens. Mande a lista antes, por escrito, e confira no briefing.

- Água e comida para o turno inteiro — Mais do que você acha que precisa. Desidratação derruba a atenção antes de derrubar o corpo.
- Apito — Ou uma lata com pedras. É o pedido de socorro do próprio voluntário — três toques seguidos. Não é para chamar o cão.
- Capa de chuva — E uma muda seca no carro. Voluntário molhado no frio vira emergência.
- Um objeto com o cheiro da família — Camiseta usada o dia inteiro, para esfregar em árvores e pedras ao longo do trajeto (seção 5.5).
- Celular carregado, com bateria externa — Para gravar o trajeto percorrido, captar sinal de rastreador e falar com o posto de comando.
- Fita, barbante ou tinta de cor vibrante — Para marcar árvores, delimitar o que já foi coberto e não se perder.
- Guia, coleira ou corda — Só para o caso de o cão vir voluntariamente. Não é autorização para tentar capturar.

- Lanterna, de preferência de cabeça — Mantida apontada para o chão — luz forte na cara de um cão assustado o faz fugir e destrói a sua própria visão noturna.
- Roupa de proteção — Calça comprida, manga comprida, bota fechada. Cor vibrante ou colete refletivo, sobretudo onde houver caça.
- Petiscos de cheiro forte — Salsicha, frango, patê. Em saco fechado, para o caso de avistamento.
- Mapa offline e primeiros socorros — Sinal de celular vai faltar. Baixe o mapa antes de sair.
- Cartazes e fita adesiva — Para ir espalhando pelo caminho, em porteiras, comércios e cruzamentos.

5.2 A linha de varredura

> **Espaçamento pela regra do vizinho: se você não enxerga os pés de quem está ao lado, existe uma faixa cega entre vocês. À noite, reduza pela metade.**

A varredura em linha é o método padrão de busca terrestre: os voluntários avançam lado a lado, mantendo espaçamento constante, cada um responsável pela faixa à sua frente. A linha inteira se move junto, no ritmo do mais lento.

Varredura em linha. Os campos de visão precisam se sobrepor — se não houver sobreposição, existe uma faixa não vista entre cada par de pessoas. A linha avança junta; ninguém corre à frente e ninguém fica para trás.

Como escolher o espaçamento

Não existe um número universal: o espaçamento certo depende inteiramente da vegetação, do relevo e da luz. Use esta regra prática, que dispensa cálculo:

DICA DO TREINADOR

A regra do vizinho Cada pessoa deve conseguir enxergar o **chão** até pelo menos a metade do caminho até o vizinho de cada lado. Se você não consegue ver os pés de quem está ao seu lado, a linha está larga demais e existe uma faixa cega entre vocês.

Na prática, isso costuma dar poucos metros em mata fechada, capoeira ou bambuzal, e algumas dezenas de metros em pasto e campo aberto. **À noite ou com neblina o alcance de detecção despenca** — estudos de busca terrestre mostram a largura efetiva de varredura caindo para uma fração do valor diurno. Se for varrer no escuro, reduza o espaçamento à metade ou menos, ou aceite que aquilo é uma passagem exploratória e não uma cobertura.

Serpentina dentro do setor

A linha entra pela borda do setor e avança em zigue-zague: vai de uma lateral à outra da fatia, avança um trecho, volta. Assim ela cobre a fatia inteira sem repetir e sem deixar buraco — o padrão desenhado dentro do setor A na Parte 4.

DICA DO TREINADOR

Parada de escuta A cada 15 ou 20 minutos, a linha inteira para. Silêncio total por sessenta segundos. Todo mundo escuta. Um cão preso numa cerca, caído numa vala ou machucado é encontrado pelo ouvido muito antes de ser encontrado pelo olho — e o barulho de dez pessoas caminhando torna isso impossível.

Por fim: **devagar ganha de largo**. Cobrir um setor duas vezes com 60% de qualidade não equivale a cobri-lo uma vez inteiro — as falhas tendem a se repetir nos mesmos lugares difíceis. Prefira menos terreno, bem varrido.

5.3 Marcar o que já foi coberto

> **Fita no terreno e trajeto gravado no celular, sempre os dois. Os buracos entre as linhas gravadas são a lista de tarefas de amanhã.**

No terceiro dia, ninguém lembra exatamente por onde passou — isso vale para qualquer equipe, por mais dedicada que seja. Sem marcação, é fácil repetir o trecho perto da estrada e nunca chegar ao fundo do vale. Marque de duas formas, sempre as duas juntas:

No terreno

Fita de sinalização de cor vibrante — laranja ou rosa —, barbante ou fita crepe, amarrada em galhos na altura dos olhos. Combine um código simples com toda a equipe antes de começar. Por exemplo:

- **Uma cor** para o limite de área varrida.
- **Outra cor** para ponto de interesse — sinal encontrado, pegada, vegetação amassada.
- **Uma terceira** para perigo ou ponto cego não vasculhado.

Escreva na fita, quando der: data e iniciais. Recolha as fitas no fim da operação — o mato não é lixeira.

No mapa

Cada dupla grava o trajeto no celular com qualquer aplicativo de rastro por GPS. No fim do dia, sobreponha todos os trajetos no mapa do posto de comando. **Os buracos entre as linhas gravadas são exatamente a sua lista de tarefas de amanhã.** Essa sobreposição é a informação mais valiosa que uma busca produz, e ela some se ninguém gravar.

5.4 Ler o mato

> **Seis sinais que qualquer voluntário aprende em minutos: vegetação amassada, galhos dobrados, pelo, pegada, fezes frescas e o comportamento de outros animais.**

Caçadores e rastreadores chamam de sinalização o conjunto de vestígios que um animal deixa. É uma habilidade que se aprende rápido no básico, e ela multiplica o valor de cada hora que a sua equipe passa em campo. Ensine estes seis sinais no briefing:

- **Vegetação amassada.** Capim, samambaia ou folhagem achatada num formato oval indica onde um animal deitou. Compare o tamanho da "cama" com o porte do seu cão.
- **Direção nos arbustos.** Galhos finos dobrados ou quebrados apontam o sentido da passagem. Vários no mesmo sentido formam um corredor.
- **Pelos.** Presos em arame farpado, espinho, cerca ou tronco áspero — procure na altura do dorso do seu cão, e nos pontos onde ele teria passado por baixo de algo.

- **Pegadas.** Só aparecem em terreno macio: lama, areia de beira de córrego, poeira de estrada de terra, canteiro. Fotografe com um objeto de referência ao lado para dar escala.
- **Fezes.** Frescas têm brilho e umidade; isso indica horas, não dias. É um dos indicadores mais úteis de que o cão esteve ali recentemente.
- **Comportamento de outros animais.** Na maioria das vezes não tem a ver com o seu cão, mas vale checar: gado agitado, cães de propriedade latindo à noite sempre para a mesma direção, ou aves circulando insistentemente sobre um mesmo ponto.

DICA DO TREINADOR

Ao encontrar um sinal Não mexa, não pise em volta. Marque com fita, fotografe, registre a coordenada e a hora, e comunique o posto de comando. Um sinal confirmado é um novo PUC — e pode redesenhar o mapa inteiro, deslocando o centro da busca.

5.5 A trilha de cheiro

> **Esfregue uma peça de roupa da família a cada 100 ou 200 metros, sempre convergindo para o mesmo ponto.**

Enquanto caminha, cada voluntário vai construindo um corredor de cheiro que pode conduzir o cão de volta sozinho. É trabalho passivo, custa nada e continua funcionando depois que todos foram embora.

- A cada 100 ou 200 metros, esfregue a peça de roupa da família num tronco, num poste de cerca ou numa pedra, na altura do focinho do cão.

- Faça os corredores **convergirem** — todos apontando para o PUV, para o acampamento ou para a estação de alimentação. Um cheiro que leva a lugar nenhum não ajuda.
- Deixe âncoras fortes no ponto de convergência: a cama do cão, sua caixa de transporte, roupa suada e — sim — as fezes dele, se você tiver acesso a elas. São os cheiros mais reconhecíveis que existem para ele.

5.6 Segurança dos voluntários

> **Ninguém sozinho, horário-limite fixo e apito com todos. Se a situação exigir técnica que vocês não têm, pare e chame quem tem.**

O objetivo é que todo mundo volte — inclusive quem está procurando. Estas regras não são negociáveis:

- Ninguém entra sozinho. Ninguém entra sem se registrar na entrada e na saída.
- Horário-limite fixo, anunciado no briefing. Quando bate a hora, todo mundo sai — inclusive quem "estava quase".
- Apito com todos. Três toques seguidos significam socorro, e todo mundo precisa saber disso antes de entrar.
- Lanterna apontada para baixo, sempre.
- Nunca entrar em propriedade privada sem falar com o dono antes. Além de ser o certo, é o que transforma o proprietário em aliado com trinta hectares de conhecimento local.

- Atenção a cobras, insetos, cães de propriedade, cercas elétricas, poços, barrancos e terreno instável.
- Quem está exausto enxerga menos, e o setor acaba registrado como coberto sem ter sido de fato. Descansar faz parte do trabalho, não é abandoná-lo.

NOTA DE SEGURANÇA

Saiba onde termina a sua capacidade Procurar um cão não justifica um resgate improvisado. Se em algum momento a situação exigir técnica que vocês não têm — altura, corda, água, encosta instável, espaço confinado, estrutura em risco, ou um animal preso e ferido em lugar de difícil acesso —, **pare e chame quem tem equipamento e treinamento**. É comum que o impulso de alcançar um animal já avistado leve alguém a improvisar com o que tem à mão. É exatamente aí que vale parar. Esperar duas horas por uma equipe preparada é melhor do que transformar uma busca em duas ocorrências. **No Brasil:** Corpo de Bombeiros 193 e Defesa Civil 199 atendem resgate técnico, inclusive de animais. Existem ainda grupos voluntários especializados, como o GRAD Brasil — Grupo de Resgate de Animais em Desastres —, formado por veterinários, biólogos e bombeiros, com atuação em vários estados. **Fora do Brasil:** procure o corpo de bombeiros, a defesa civil ou o grupo de busca e salvamento da região antes de improvisar. O mesmo vale para você: se a busca estiver acima das suas habilidades ou das da sua equipe, pedir ajuda não é desistir — é a decisão certa.

Lembre-se

- ✓ Doze itens obrigatórios. Mande a lista antes e confira no briefing; não confie no “eu levo”.
- ✓ Espaçamento pela regra do vizinho: se você não enxerga os pés de quem está ao lado, existe uma faixa cega entre vocês. À noite, reduza pela metade.
- ✓ Fita no terreno e trajeto gravado no celular, sempre os dois. Os buracos entre as linhas gravadas são a lista de tarefas de amanhã.



Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

8

Tecnologia

Rastreador, drone e câmera de trilha resolvem casos — mas só dentro de limites físicos bem estreitos, e quase toda frustração com esses equipamentos vem de usá-los fora deles.



6.1 AirTag ou coleira com GPS?

> **AirTag não é GPS e não funciona onde não passa gente. Fora da cidade, coleira com chip é o mínimo; sem cobertura celular, só rádio resolve.**

A confusão mais cara sobre rastreamento de cães é achar que um AirTag é um GPS. Ele não é. Um AirTag não sabe onde está: ele emite um sinal Bluetooth de curtíssimo alcance e depende de que o celular de algum estranho passe perto e retransmita a posição. Numa cidade cheia de iPhones, isso funciona muito bem e custa pouco. Numa montanha, num sítio ou numa estrada vicinal, não passa ninguém — e o AirTag fica mudo.

Rastreadores × ambiente

- **Etiqueta Bluetooth (AirTag e similares)** — Como acha a posição: Não tem GPS. Depende da rede de celulares de estranhos passando por perto.; Funciona bem: Cidade, bairro movimentado, condomínio, shopping.; Falha: Zona rural, montanha, mata, madrugada — qualquer lugar sem gente circulando.
- **Coleira GPS com chip (4G/LTE)** — Como acha a posição: GPS de verdade; envia a posição pela rede de telefonia.; Funciona bem: Onde há cobertura celular, mesmo fraca. Cobre a maior parte das estradas e áreas habitadas.; Falha: Vales, fundos de mata e regiões sem cobertura — para de atualizar exatamente onde você mais precisa.
- **Rastreador por rádio (LoRa / VHF, com controle)** — Como acha a posição: GPS + enlace de rádio direto para um aparelho na sua mão, sem operadora.; Funciona bem: Fora da rede: montanha, floresta, campo. Alcance de quilômetros em terreno aberto.; Falha:

Mais caro e mais pesado; alcance cai muito com relevo e vegetação densa.

- **Rastreador de caça (tipo Garmin Astro/Alpha)** — Como acha a posição: Rádio de longo alcance com mapa topográfico no controle.; Funciona bem: Feito exatamente para cão solto em mata sem sinal; acompanha vários cães.; Falha: Caro; coleira grande demais para cães pequenos e médios.

DICA DO TREINADOR

O que escolher Cidade: uma etiqueta Bluetooth resolve a maioria dos casos e custa pouco. **Trilha, camping, sítio, montanha, caça:** coleira com GPS e chip celular é o mínimo. Se a região não tem cobertura, só um rastreador por rádio realmente serve. **Em qualquer cenário:** plaquinha física com telefone e microchip atualizado continuam sendo o que mais devolve cão para casa. E rastreador descarregado é enfeite — cheque a bateria antes de toda viagem.

6.2 Drones: onde eles servem e onde não

> **Drone comum é quase inútil sobre mata fechada e excelente em campo aberto. O térmico é o que muda o jogo — dentro de uma janela estreita de condições.**

Drone comum, com câmera colorida, sobre mata fechada é praticamente inútil. A copa das árvores esconde tudo o que está embaixo, e você vai gastar bateria filmando telhado de floresta. Ele é excelente em outra coisa: campo aberto, pasto, área queimada, pedreira, margem de rio, areal, plantação baixa e beira de estrada — lugares onde um corpo escuro no chão claro salta aos olhos.

O drone térmico é o que muda o jogo — mas dentro de uma janela de condições estreita, e com uma regra de altitude que quase todo piloto iniciante viola.

6.3 A conta que decide se você vai ver seu cão

> **A regra dos dez pixels: abaixo disso o cão vira borrão. Com sensor térmico comum, 40 m para cão pequeno e 50 a 60 m para cão grande.**

Pilotos de busca trabalham com uma medida chamada **GSD** — *ground sample distance*, ou quantos centímetros de terreno cabem dentro de um único pixel da imagem. Ela responde à pergunta que importa: *de quantos pixels meu cão é feito nesta altura?*

DICA DO TREINADOR

A regra dos dez pixels Abaixo de aproximadamente **dez pixels** de comprimento, um alvo deixa de ser reconhecível — vira um borrão indistinguível de uma pedra aquecida ou de um arbusto. Voar mais alto é tentador porque cobre mais área por passagem, mas a área extra não vale nada se o alvo virou três pixels.

A tabela abaixo é de um DJI Mavic 3T, um dos modelos mais usados em busca. O sensor térmico dele tem 640 × 512 pixels. As duas últimas colunas mostram de quantos pixels um cão é feito em cada altura.

Sensor térmico 640 × 512 (DFOV 61°) — DJI Mavic 3T

- **40 m** — GSD: 5,27 cm/px; Pegada no solo: 36,8 × 29,4 m; Área/foto: 1.083 m^2; Cão 50 cm: 9,5 px; Cão 100 cm: 19 px; Veredicto: Altura de trabalho. Cão pequeno no limite, cão grande confortável.

- **60 m** — GSD: 7,91 cm/px; Pegada no solo: 55,2 × 44,2 m; Área/foto: 2.437 m²; Cão 50 cm: 6,3 px; Cão 100 cm: 12,6 px; Veredicto: Só para cão grande. Cão pequeno já não é confiável.
- **100 m** — GSD: 13,19 cm/px; Pegada no solo: 92,0 × 73,6 m; Área/foto: 6.770 m²; Cão 50 cm: 3,8 px; Cão 100 cm: 7,6 px; Veredicto: Insuficiente para qualquer porte.
- **120 m** — GSD: 15,82 cm/px; Pegada no solo: 110,4 × 88,3 m; Área/foto: 9.749 m²; Cão 50 cm: 3,2 px; Cão 100 cm: 6,3 px; Veredicto: Nesta altura o cão não aparece na imagem.

É por isso que pilotos experientes de busca por animais trabalham em torno de **40 metros para cães pequenos e 50 a 60 metros para cães grandes** com esse equipamento — a faixa indicada por Gediminas Gerulaitis a partir de buscas reais de cães em floresta. Os 120 metros que a legislação de muitos países permite como teto não servem para esta finalidade.

Para calcular com o seu equipamento

Duas contas, nesta ordem:

1. **GSD** = largura da pegada no solo (em cm) ÷ largura da imagem (em pixels).
2. **Pixels do cão** = comprimento do cão (em cm) ÷ GSD.

Se o resultado ficar abaixo de dez, desça. A pegada no solo em cada altura costuma estar no manual do drone, ou pode ser medida na prática colocando um objeto de tamanho conhecido no chão.

Câmeras coloridas do mesmo equipamento, para referência

- **40 m** — Grande-angular · pegada: 57,6 × 43,2 m; GSD (48 MP): 0,74 cm/px; Teleobjetiva · pegada: 8,4 × 6,3 m; GSD (12 MP): 0,22 cm/px.

- **60 m** — Grande-angular · pegada: 86,4 × 64,8 m; GSD (48 MP): 1,12 cm/px; Teleobjetiva · pegada: 12,6 × 9,5 m; GSD (12 MP): 0,33 cm/px.
- **100 m** — Grande-angular · pegada: 144,1 × 108,0 m; GSD (48 MP): 1,86 cm/px; Teleobjetiva · pegada: 21,1 × 15,8 m; GSD (12 MP): 0,56 cm/px.
- **120 m** — Grande-angular · pegada: 172,9 × 129,7 m; GSD (48 MP): 2,23 cm/px; Teleobjetiva · pegada: 25,3 × 19,0 m; GSD (12 MP): 0,67 cm/px.

Repare na diferença de escala: a câmera colorida tem resolução de sobra mesmo a 120 metros — o problema dela nunca foi o pixel, foi a copa das árvores. O sensor térmico enxerga através de sombra e escuridão, mas com um trigésimo da resolução. Cada um resolve metade do problema.

6.4 A janela térmica

> **Térmico enxerga diferença de calor, não calor. Madrugada, primeira luz, dias nublados e noite. Com sol sobre a mata, não adianta voar.**

Uma câmera térmica não vê calor — vê diferença de calor. Ela funciona enquanto o corpo do cão estiver claramente mais quente do que o chão, as pedras e as folhas ao redor. Assim que o sol aquece a floresta, esse contraste desaparece e a imagem vira uma sopa uniforme.

Quando voar

- **Madrugada e primeira luz** — a melhor janela do dia. O terreno passou a noite inteira perdendo calor.
- **Dias nublados** — a nuvem impede o aquecimento solar e mantém o contraste alto o dia todo.
- **Noite fechada** — o térmico funciona igual no escuro total, muitas vezes melhor que de dia. Mas com uma ressalva importante abaixo.
- **Estação fria** — do outono ao início da primavera o contraste é naturalmente maior. Verão com copa densa é o pior cenário possível.

Quando não adianta

Sol a pino, tarde quente, pedra e asfalto aquecidos, copa fechada de mata tropical. Nessas condições o equipamento não está com defeito — a física simplesmente não está do seu lado. Guarde a bateria para a janela seguinte.

> **NOTA DE SEGURANÇA**
>
> **Sem holofote, cada alvo vira corrida** O sensor térmico vai marcar dezenas de manchas quentes por voo, e a esmagadora maioria será capivara, raposa, gado, cachorro-do-mato ou um cupinzeiro ao sol. Se o drone não tiver holofote para identificar o alvo do ar, alguém vai ter que ir a pé conferir cada uma no escuro. Planeje esse tempo — ou priorize os voos diurnos nublados, em que a câmera colorida confirma o alvo na hora.

6.5 Padrão de voo

> **Zigue-zague com sobreposição calculada a partir da pegada no solo. Registre a área voada — é cobertura como qualquer outra.**

- Voe em **zigue-zague** sobre a área, mantendo altura constante e velocidade baixa. É a mesma lógica da linha de voluntários, vista de cima.
- **Sobreponha as passagens.** Use a pegada no solo para calcular: se a 40 metros a imagem térmica cobre 36,8 m de largura, as linhas de voo devem ficar a 25 ou 30 metros uma da outra, não a 40 — senão sobra faixa cega entre elas, exatamente como entre dois voluntários espaçados demais.
- **Divida o trabalho por terreno:** câmera colorida nas áreas descampadas, térmico na mata.
- Priorize clareiras, bordas de mata, trilhas, aceiros e beiras de água — os lugares onde a copa não bloqueia a visão e onde o cão de fato circula.
- **Registre a área voada** no mapa do posto de comando. Voo é cobertura como qualquer outra, e área voada mal registrada será revoada.
- Marque cada alvo térmico não confirmado como tarefa de solo, com coordenada e hora.

6.6 Câmeras de trilha

> **Baixa (30 a 60 cm), em ângulo de 45°, recuada da isca. Nos funis do mapa e em toda estação de alimentação, sem exceção.**

São o recurso mais subestimado de uma busca longa: baratas, silenciosas, e trabalham 24 horas por dia sem assustar nada. Com cães medrosos, muitas vezes é a câmera que resolve o caso — não a busca a pé.

Como posicionar

- **Baixa.** Entre 30 e 60 cm do chão. O manual da câmera foi escrito pensando em veado; cão é bem mais baixo, e câmera alta demais corta o corpo ou não dispara.
- **Em ângulo, não de frente.** Cerca de 45° em relação à trilha. Isso dá corpo inteiro e mais tempo de captura do que um enquadramento frontal.
- **Recuada da isca.** Três a cinco metros, nunca em cima. Você precisa ver *por onde ele entra e por onde ele sai* — essa direção vale tanto quanto a foto.
- **Limpe a vegetação à frente.** Mato balançando ao vento dispara centenas de fotos falsas, enche o cartão e mata a bateria em uma noite.
- **Evite apontar para o nascente ou o poente**, que estouram a imagem nos dois horários de maior movimento.

Onde colocar

Nos funis do mapa: pontes, porteiras, passagens de gado, bueiros sob a estrada, vaus estreitos de córrego, trilhas de animais. E sempre, sem exceção, em toda estação de alimentação (Parte 8).

Rotina

Modo foto em rajada mais um vídeo curto; carimbo de data e hora ligado. Cheque as câmeras logo de manhã, sempre com cartão e pilhas sobressalentes no bolso. Espere ajustar o enquadramento nos primeiros dois ou três dias — quase nunca fica certo de primeira. E anote o horário de cada registro: é assim que você descobre a rotina do seu cão e escolhe a hora certa de agir.

6.7 Aplicativos e registro

> **Trajeto gravado por GPS, mapa offline baixado, uma planilha compartilhada e um grupo de mensagens só da coordenação.**

- **Gravação de trajeto por GPS** em todos os celulares que entram em campo — qualquer aplicativo de trilha serve, desde que grave e exporte o percurso.
- **Mapa offline baixado** antes de sair. Contar com sinal de celular no mato é planejar para o cenário que não vai acontecer.
- **Uma planilha compartilhada** de avistamentos e de estado dos setores, acessível a quem está no posto de comando.
- **Um grupo de mensagens só da coordenação**, separado do grupo público. Misturar os dois faz a informação operacional se perder no meio de mensagens de apoio.

Lembre-se

- ✓ AirTag não é GPS e não funciona onde não passa gente. Fora da cidade, coleira com chip é o mínimo; sem cobertura celular, só rádio resolve.
- ✓ Drone comum é quase inútil sobre mata fechada e excelente em campo aberto. O térmico é o que muda o jogo — dentro de uma janela estreita de condições.
- ✓ A regra dos dez pixels: abaixo disso o cão vira borrão. Com sensor térmico comum, 40 m para cão pequeno e 50 a 60 m para cão grande.

Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

9

Usar cães na busca

O nariz de um cão continua sendo o melhor sensor disponível numa busca — inclusive melhor que o térmico, em muitas condições.



7.1 Os seus próprios cães

> **Coleira longa sempre, nunca solto. O maior valor deles não é farejar: é servir de atração para um cão que já não se aproxima de humanos.**

Os cães que moram com o desaparecido são um recurso real, por dois motivos: eles conhecem o cheiro dele melhor que qualquer aparelho, e a presença de um companheiro conhecido atrai um cão perdido de um jeito que nenhum chamado humano consegue.

- **Sempre em coleira longa**, de cinco a dez metros, nunca solto — vale proteger quem ficou.
- **Transforme em jogo do tesouro.** Esconda um objeto com o cheiro do cão desaparecido, mande procurar, e faça festa grande quando ele encontrar. É o mesmo mecanismo dos cães de faro profissionais: procurar precisa ser divertido, não tenso.
- **Marque na hora exata.** No instante em que ele indicar o alvo, diga o nome do cão perdido, dê o petisco e comemore. Marcação atrasada não ensina nada.
- **Pareie por vínculo.** Cada pessoa treina e conduz o cão com quem tem a relação mais forte. Sob estresse e cansaço, o vínculo é o que segura a obediência.
- **Use a noite para treinar.** Você precisa descansar de qualquer forma, e não dá para varrer mato no escuro com segurança. Transformar as horas noturnas em treino é o melhor uso possível de um tempo que seria perdido em angústia.

NOTA DE SEGURANÇA

Antes de levar seus cães a campo Avalie honestamente: seu cão perdido tem medo de outros cães? Está em pânico? Um cão desconhecido correndo na direção dele pode provocar exatamente a fuga que você está tentando evitar. Em caso de dúvida, use os cães de casa como atração passiva — parados perto do PUV ou da estação de alimentação, sob controle — e não como batedores.

7.2 Treinar o cão que ficou

> **Cão de faro profissional leva anos para ficar pronto. O que realmente ajuda é chamada e faro trabalhados com antecedência, não da noite para o dia — e nunca se coloca em risco o cão que ficou.**

Você provavelmente tem outro cão em casa, ele quer ir junto, e existem coisas reais que ele pode fazer. Antes de qualquer treino, porém, três verdades que precisam ser ditas juntas — porque expectativa errada aqui custa tempo e pode custar caro.

NOTA DE SEGURANÇA

Expectativas honestas Um cão de faro profissional leva anos para ficar pronto. Cães de mantrailing e de busca são selecionados por temperamento, treinados ao longo de dois a quatro anos e submetidos a certificação. Nada que você treine em três dias, nem em três meses, se aproxima disso. Quem promete o contrário está vendendo alguma coisa. **A ajuda do seu cão é limitada — e mesmo assim vale.** Ele não vai seguir uma trilha de quilômetros. O que ele pode fazer é reagir a um cheiro conhecido a curta distância, sinalizar interesse numa direção e, sobretudo, servir de *atração*: um cão perdido às vezes se aproxima do companheiro de casa quando já não se aproxima de nenhum humano. **Nunca coloque em risco o cão que ficou.** Coleira longa sempre, nunca solto, nunca à noite em terreno desconhecido, nunca perto de rodovia, nunca com calor ou frio extremos, nunca até a exaustão. A busca de um cão não pode custar o outro. Se houver qualquer dúvida sobre a segurança, ele fica no acampamento — e continua útil ali, como âncora de cheiro e de presença.

O que ajuda, quando treinado com antecedência

Não dá para criar um cão farejador, nem para construir nada disso do zero durante a emergência. O que ajuda são habilidades treinadas bem antes de precisar delas — a maioria dos cães já tem o começo disso, e o trabalho é afiar o que já existe:

- **Chamada confiável.** É de longe a mais importante — e é o que permite levá-lo a campo com alguma segurança. Um cão que volta sempre é um cão que você não vai perder também.

- **Ficar parado à distância.** Deixa você imobilizá-lo quando avista alguma coisa, em vez de gritar.
- **Andar em guia longa sem puxar.** Guia de cinco a dez metros em terreno acidentado é uma habilidade própria, e cansa muito menos os dois.
- **Controle de impulso.** Não sair atrás de fauna, gado ou outro cão. Em campo aberto isso é segurança, não obediência.
- **Jogos de faro.** A base do jogo do tesouro descrito abaixo.
- **Ficar no lugar.** Para os períodos em que ele precisa esperar no acampamento sem estresse.

DICA DO TREINADOR

No app Dogo Todas essas habilidades já existem como programas guiados, com vídeo passo a passo, no **Dogo**. Os que interessam aqui, em ordem de prioridade: **Perfect Recall** (chamada), **Sit–Down–Stay** (ficar parado à distância), **Leash Walking** (guia) e **Trick Training**, que traz os jogos de faro e de controle de impulso. Se você está no meio de uma busca, faça só a chamada. Os outros vêm depois — e valem muito mais como prevenção, quando ninguém está desaparecido.

O jogo do tesouro, passo a passo

1. Separe um objeto com o cheiro do cão desaparecido — a cama, a coleira, um brinquedo só dele. **Não use o artigo de cheiro reservado ao cão de faro profissional** (seção 7.4): esse não pode ser contaminado.
2. Deixe o cão de casa farejar o objeto com calma, sem comando nenhum.

3. Esconda o objeto a poucos metros, num lugar fácil, e solte um "acha!" animado.
4. No instante em que ele encontrar, **diga o nome do cão desaparecido**, dê o petisco e faça festa grande. A marcação tem que ser imediata: é ela que ensina o vínculo entre aquele cheiro e a recompensa.
5. Aumente a distância e a dificuldade aos poucos, ao longo de vários dias. Termine sempre com um acerto fácil.
6. **Quem tem o vínculo mais forte conduz.** Sob cansaço e tensão, o vínculo é o que segura a obediência — vale mais que técnica.

Use a noite para isso. Você precisa descansar de qualquer forma, não dá para varrer mato no escuro com segurança, e transformar as horas noturnas em treino é o melhor destino possível para um tempo que seria gasto em angústia.

7.3 Cães de faro profissionais

> **Cão de trilha segue um indivíduo; faro aéreo varre uma área. Chame cedo e proteja o PUV do pisoteio.**

Existem duas especialidades diferentes, e pedir a errada desperdiça o recurso:

- **Cão de trilha (*mantrailing*)** — segue o rastro específico de um indivíduo, a partir de um artigo de cheiro e de um ponto de partida limpo. É o que você quer para reconstruir por onde o cão foi.
- **Cão de faro aéreo (*airscent*)** — não segue trilha; varre uma área trabalhando o vento até chegar à origem do cheiro. É o que você quer para cobrir um setor inteiro.

Chame cedo. A trilha degrada com o tempo, com a chuva e — principalmente — com o pisoteio. Cada voluntário que caminha pelo PUV deixa uma camada nova de cheiro por cima da que interessa.

DICA DO TREINADOR

Proteja o ponto de partida Se existe qualquer chance de você conseguir um cão de trilha, **limite desde já quem pisa no PUV**. Uma pessoa parada ali, e mais ninguém circulando. É uma decisão que custa nada agora e pode ser irrecuperável depois.

7.4 O artigo de cheiro

> **Colete agora, com luvas, em saco limpo e selado. Não lave, não congele e não deixe outro cão encostar.**

Se o cão de faro falha, a causa mais comum não é o cão — é o artigo de cheiro contaminado. Um objeto manuseado por três pessoas faz o cão procurar quatro rastros ao mesmo tempo. Colete o artigo **agora**, antes que a casa inteira comece a mexer nas coisas dele.

- Use luvas descartáveis, ou lave bem as mãos com sabão sem perfume.
- Sirva a cama, a coleira, um brinquedo de uso exclusivo dele — ou uma gaze limpa esfregada na cama.
- Guarde imediatamente num saco plástico limpo, novo, bem fechado. Etiquete com data e conteúdo.
- **Não lave. Não deixe outro cão encostar. Não congele.** Guarde em lugar fresco, seco e escuro.

- Colete mais de um artigo, em sacos separados. Você pode precisar de vários, em dias diferentes.

Lembre-se

- ✓ Coleira longa sempre, nunca solto. O maior valor deles não é farejar: é servir de atração para um cão que já não se aproxima de humanos.
- ✓ Cão de faro profissional leva anos para ficar pronto. O que realmente ajuda é chamada e faro trabalhados com antecedência, não da noite para o dia — e nunca se coloca em risco o cão que ficou.
- ✓ Cão de trilha segue um indivíduo; faro aéreo varre uma área. Chame cedo e proteja o PUV do pisoteio.



Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

10

Atrair e capturar

Com cães medrosos, esta é a parte que resolve o caso — não a busca a pé.



8.1 A estação de cheiro e alimentação

> **Comida de cheiro forte, água, cheiro de casa e uma câmera. O objetivo não é capturar: é criar rotina e descobrir o padrão de movimento dele.**

Uma estação é um ponto fixo com comida, água, cheiro de casa e uma câmera. O objetivo não é capturar: é criar **rotina e confiança**, e descobrir o padrão de movimento do cão.

Onde montar

Perto do PUV; nos funis do mapa; e em todo ponto onde houve avistamento confiável. Duas ou três estações bem escolhidas valem mais que dez espalhadas.

O que colocar

- **Comida de cheiro muito forte:** sardinha, patê, frango cozido, salsicha, ração úmida. Quanto mais forte, mais longe o cheiro viaja.
- **Água limpa**, sempre.
- **Âncoras de cheiro:** uma peça de roupa usada, a cama do cão, sua caixa de transporte — e, se possível, as fezes dele. É o cheiro mais reconhecível que existe para ele.
- **Uma trilha de cheiro** saindo da estação: gordura de bacon ou fumaça líquida arrastada pelo chão em algumas direções, ampliando o raio de atração.

- **Uma câmera de trilha**, sem exceção. Sem câmera, você não fica sabendo se ele veio, quando veio nem por onde entrou — e é essa informação que faz a estação valer a pena.

Como operar

- Reabasteça **no mesmo horário todos os dias**. Você está construindo previsibilidade.
- **Não fique de tocaia em cima da estação.** Sua presença é justamente o que mantém um cão em pânico afastado. Monitore pela câmera, de longe.
- Espere fauna: gambá, quati, gato, outros cães. É normal e não significa que a estação falhou.

8.2 Monitorar antes de agir

> **Não corra até lá na primeira foto. Só monte a captura depois de dois ou três registros consistentes — uma tentativa frustrada pode custar o ponto.**

A primeira foto do cão na câmera provoca uma vontade quase irresistível de correr até lá naquela noite. É compreensível — e é justamente o momento em que segurar a ansiedade mais rende. **Espere.**

Antes de tentar capturar um cão medroso ou que já não se aproxima de ninguém — nem da própria família —, você precisa de padrão: ele volta? Em quais horários? Por onde entra e por onde sai? Vem sozinho? Está comendo com confiança ou pegando e fugindo? Só depois de dois

ou três registros consistentes é que vale montar uma captura. Se ele ainda vem quando chamado por alguém de confiança, você provavelmente nem precisa dessa etapa — uma aproximação calma já basta.

> **NOTA DE SEGURANÇA**
>
> **Por que esperar compensa** Um cão que se assusta na estação pode deixar de voltar e se deslocar para outra área, levando junto o único ponto conhecido que vocês tinham. Paciência, aqui, não é só virtude: é a abordagem com maior taxa de sucesso em cães medrosos.

8.3 A técnica do churrasco

> **Churrasqueira portátil perto do último avistamento, de manhã cedo ou no fim da tarde. Fique quieto, sentado, e não chame.**

Simples e surpreendentemente eficaz, sobretudo do segundo ou terceiro dia em diante, quando a fome já venceu parte do medo.

Leve uma churrasqueira portátil para perto do último avistamento e asse bacon, linguiça ou frango — de manhã bem cedo ou no fim da tarde, quando está quieto e o ar está mais frio e denso. Sente-se, de costas ou de lado para o mato, e fique em silêncio. **Não chame.** Deixe o cheiro fazer o trabalho e dê tempo — uma hora, duas. A gordura do bacon é um dos cheiros que viajam mais longe.

8.4 Armadilha humanitária

> **Habitue por dias com a armadilha travada antes de armar. Nunca deixe uma armadilha armada sem monitoramento.**

Uma armadilha-caixa é uma gaiola do tamanho de uma caixa de transporte, com porta acionada por uma placa de pressão. O animal entra para comer, pisa na placa, a porta fecha. Assusta no primeiro instante, e na maioria das vezes o cão volta a comer e deita para esperar.

Habituação primeiro

Não chegue armando. Deixe a armadilha aberta e **travada** no local por vários dias, até virar parte da paisagem. Ponha comida na frente; depois na entrada; depois lá dentro, no fundo. Só arme quando as imagens mostrarem o cão entrando inteiro, com confiança e regularidade.

Regras não negociáveis

- **Nunca deixe uma armadilha armada sem monitoramento.** Um animal preso se estressa, pode se machucar, e outras espécies entram.
- Cheque a cada hora, ou use uma câmera com envio de imagem em tempo real.
- Assim que fechar, **cubra a gaiola com uma lona ou cobertor**. O escuro acalma imediatamente.
- Não abra “só para conferir”. Transporte fechada, direto.
- Verifique as regras locais sobre uso de armadilhas e, se possível, faça isso com apoio de alguém experiente ou de uma ONG local.

8.5 Os cinco primeiros minutos

> **Guia antes do abraço. Não dê água gelada nem comida à vontade. Veterinário mesmo que ele pareça bem.**

Seu cão está ali. A euforia é enorme — e é exatamente o que precisa ser contido por mais cinco minutos.

- Aproxime-se devagar, de lado, falando baixo. Não corra até a gaiola, não grite de alegria, não chame um grupo para comemorar em volta.
- Cubra a gaiola antes de mover.
- Se a captura foi no aberto, prenda a guia antes de qualquer abraço — já aconteceu de o cão escapar justamente no instante da comemoração.
- **Não dê água gelada nem comida à vontade.** Um cão que passou dias sem comer precisa de reidratação e realimentação graduais — o excesso, aqui, é perigoso de verdade.
- Vá ao veterinário, mesmo que ele pareça bem.

Lembre-se

- ✓ Comida de cheiro forte, água, cheiro de casa e uma câmera. O objetivo não é capturar: é criar rotina e descobrir o padrão de movimento dele.
- ✓ Não corra até lá na primeira foto. Só monte a captura depois de dois ou três registros consistentes — uma tentativa frustrada pode custar o ponto.
- ✓ Churrasqueira portátil perto do último avistamento, de manhã cedo ou no fim da tarde. Fique quieto, sentado, e não chame.



Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

11

Para imprimir e levar

Estas páginas foram feitas para sair da tela. Imprima, ponha numa prancheta e leve para o posto de comando.



Anexo A: Checklist da primeira hora

- [ ] Parei de perseguir e mandei todo mundo parar
- [ ] Marquei a coordenada do PUV no celular
- [ ] Impus silêncio — ninguém chama o nome dele
- [ ] Deixei roupa suada, cama e caixa de transporte no PUV
- [ ] Deixei uma pessoa sentada e quieta no PUV
- [ ] Liguei para canil / zoonoses / abrigos num raio de 30 km
- [ ] Liguei para as clínicas veterinárias da região
- [ ] Marquei o microchip como desaparecido e conferi meu telefone
- [ ] Publiquei o post-âncora com foto boa e “não persiga — ligue”
- [ ] Guardei um detalhe de identificação em segredo
- [ ] Impulsionei o post com raio geográfico ao redor do PUV
- [ ] Abri o caderno de avistamentos
- [ ] Coletei o artigo de cheiro com luvas e guardei em saco selado

Anexo B: Kit do voluntário

- [ ] Água e comida para o turno inteiro
- [ ] Apito — Três toques = socorro
- [ ] Capa de chuva + muda seca no carro
- [ ] Peça de roupa com o cheiro da família

- Celular carregado + bateria externa
- Mapa da região baixado para uso offline
- Fita ou barbante de cor vibrante
- Guia, coleira ou corda
- Lanterna de cabeça
- Calça e manga compridas, bota, colete refletivo
- Petiscos de cheiro forte em saco fechado
- Cartazes e fita adesiva
- Primeiros socorros básicos

Anexo C: Roteiro de briefing

Leia em voz alta, para todos juntos, antes de cada turno. Não pule as cinco regras — mesmo para quem já ouviu ontem.

1. **Quem procuramos.** Nome, foto passando de mão em mão, porte, cor, temperamento, o que atrai esse cão.
2. **Onde e quando foi visto pela última vez.** Aponte no mapa.
3. **Novidades desde ontem.** Avistamentos, imagens de câmera, setores já cobertos.
4. **As cinco regras:** não chame · não corra · não tente pegar · sente e jogue comida · mande a localização e ligue.
5. **Setores e duplas.** Quem vai com quem, para onde, e qual é o objetivo daquela dupla hoje.
6. **Marcação.** Qual cor significa o quê. Todo mundo grava o trajeto no celular.

7. **Segurança.** Horário-limite, ponto de reagrupamento, canal reserva, apito = socorro, ninguém sozinho, ninguém em propriedade privada sem autorização.
8. **Registro de saída.** Nome, telefone, setor, hora de entrada, hora prevista de retorno.
9. **Desbriefing.** Onde e a que horas todos se reúnem para relatar.

Anexo D: Ficha do cão

Preencha uma vez, no início. Serve para o briefing, para o cartaz, para o veterinário e para quem chegar depois.

- Nome
- Idade
- Porte / peso
- Pelagem e cor
- Marcas distintivas
- Detalhe mantido em segredo
- Microchip nº
- Castrado / no cio
- Perfil com estranhos: sociável · reservado · medroso
- Saúde / medicação
- Distância que costuma andar
- O que o atrai
- Do que tem medo

- PUV — coordenada e hora
- Circunstância do sumiço
- Estava com coleira / plaqueta / rastreador
- Telefone central da busca

Anexo E: O cartaz, em ordem

1. **"CÃO PERDIDO"** — caixa alta, sem serifa, ocupando cerca de um quarto do cartaz.
2. **Foto** — colorida, recente, nítida, corpo inteiro. Foto real de celular, sem filtro, sem retoque, sem ilustração gerada por IA. A maior área do cartaz.
3. **Telefone** — números grandes, legíveis de longe.
4. **Onde e quando sumiu** — uma linha.
5. **"NÃO PERSIGA — LIGUE"** — destacado.
6. Máximo três cores. Plastificado ou em saco plástico. Colado na altura dos olhos.

> **NOTA DE SEGURANÇA**
>
> **Não coloque no cartaz** Histórico, apelo emocional, lista longa de características, valor de recompensa em destaque — e o detalhe de identificação que você guardou para desmascarar golpistas. Também fora: retrato ilustrado ou gerado por IA, filtro, fundo trocado e layout "caprichado" demais. Cartaz com cara de anúncio é ignorado; foto crua de celular é o que faz alguém parar.

Anexo F: Registro de setores

- Setor

- Data
- Dupla
- No
- Saída
- Estado
- Pontos cegos / observações

Anexo G: Registro de avistamentos

- Data
- Hora
- Local / coordenada
- Quem viu
- Contato
- Direção
- Confiança
- Verificado?

Registre todo avistamento, inclusive os que você acha improváveis. Um relato descartado no dia 2 costuma fazer sentido no dia 6, quando o padrão aparece.

Anexo H: Altura de voo — referência rápida

Para sensor térmico 640 × 512 com campo de visão diagonal de 61°. Para outros equipamentos, refaça a conta da seção 6.3.

- **Pequeno (até ~50 cm)** — Altura máxima: 40 m; Espaçamento entre linhas de voo: 25 m.
- **Médio a grande (~100 cm)** — Altura máxima: 50–60 m; Espaçamento entre linhas de voo: 35–40 m.
- **Qualquer porte** — Altura máxima: nunca 100 m ou mais; Espaçamento entre linhas de voo: —.

Janela de operação: madrugada, primeira luz, dias nublados ou noite. Nunca com sol forte sobre a mata.

Fontes: De onde vem o que está aqui

As técnicas deste manual combinam prática de busca e salvamento terrestre, literatura de recuperação de animais perdidos e experiência de campo de pilotos de drone térmico em buscas reais. A leitura de comportamento canino — perfis, gatilhos, sinais de calma, aproximação e recuperação depois do reencontro — foi orientada pelos **treinadores e médicos-veterinários especializados em comportamento animal** que desenvolvem os programas da Dogo. A Parte 11, sobre luto, apoia-se em literatura de aconselhamento em perda de animais e no trabalho de Pauline Boss sobre perda ambígua.

- **Missing Animal Response Network — Lost Dog Behavior** Perfis comportamentais, distâncias percorridas e por que não se deve chamar um cão perdido. missinganimalresponse.com/lost-dog-behavior

- **Missing Animal Response Network — Lure, don't chase / When to set a trap** Sinais de calma e critérios para armar uma armadilha. missinganimalresponse.com/lost-pet-tips
- **The Retrievers — Humane Capture of Skittish Dogs** Captura humanitária de cães arredios. theretrievers.org/humane-capture-of-skittish-dogs
- **Buddha Dog Rescue & Recovery — Feeding Stations** Montagem e operação de estações de alimentação. buddhadogrescueandrecovery.com
- **Lost Dogs of America — Trail Cameras** Posicionamento de câmeras de trilha para monitorar cães perdidos. lostdogsofamerica.org
- **American Kennel Club — First 48 Hours** Protocolo das primeiras horas, abrigos e microchip. akc.org/expert-advice/health/dog-lost-48-hours
- **Six Step Process in SAR — Tayside & Central Scotland SAR** O ciclo de seis passos usado na Parte 4. tcsr.org.uk — six-step-process-in-sar
- **Critical Separation and Probability of Detection for Grid Searching** Base técnica do espaçamento entre voluntários. tcsr.org.uk — critical separation and POD
- **Sweep Width Estimation for Ground Search and Rescue — NSARC / USCG** Queda da largura efetiva de varredura à noite e em vegetação densa. dco.uscg.mil — sweep width estimation
- **Search Management Action Plan — SARBC** Setorização, contenção, busca rápida e posto de comando. sarbc.org — SearchMgmtActionPlan

- **Search and Rescue Services — Thermal Drone Use for Lost Animals** Janelas térmicas e limites de altitude. searchandrescueservices.com.au
- **Lost Pet Research — How to Boost a Facebook Post for a Lost Pet** Impulsionamento geolocalizado. lostpetresearch.com
- **FBI e AARP — alertas sobre golpes com animais perdidos** Sinais de golpe e verificação de quem liga. fbi.gov — beware of lost pet scams
- **Lost Dog Tracking Network — Preparing and Handling Scent Articles** Coleta e conservação do artigo de cheiro. lostdogtrackingnetworksurrey.co.uk
- **PetMD — Hypothermia in Dogs** Faixas de temperatura corporal e risco em pelo molhado. petmd.com/dog/conditions/cardiovascular/dog-hypothermia
- **Mountaineering Scotland — Lost Dogs** Comportamento de cães perdidos em terreno de montanha. mountaineering.scot
- **PetRadar — Creating a Lost Dog Poster** Desenho de cartaz eficaz. petradar.org
- **TODAY — Pet Loss Grief: Experts Weigh In** Luto não reconhecido e o peso da culpa, com a conselheira de luto animal Beth Bigler. today.com/life/relationships/processing-pet-loss-grief-rcna21347
- **Dr. Lucy Hone — The Disenfranchised Grief of Pet Loss** Por que a falta de validação social trava o processo de luto. drlucyhone.com/blog/pet-loss-and-disenfranchised-grief
- **PetMD — Deceased Pet Care: Burial and Cremation Options** Prazos para o corpo, acolhimento pelo veterinário, cremação

individual x coletiva e regras de enterro. petmd.com/dog/care/deceased-pet-care-burial-cremation-options

- **Funeral.com — Necropsy for Pets: What It Can and Can't Answer** O que uma necropsia veterinária responde e o que não responde. funeral.com/blogs/the-journal/necropsy-for-pets-what-it-is-why-f
- **Pauline Boss — Ambiguous Loss** O conceito de perda ambígua, o congelamento do luto e a crítica à ideia de *closure*. onbeing.org/programs/pauline-boss-navigating-loss-without-closur
- **UC Davis School of Veterinary Medicine — Helping Children Understand Pet Loss** Linguagem honesta com crianças e por que evitar eufemismos. vetmed.ucdavis.edu/hospital/pet-loss-support/helping-children-un
- **AACAP — When a Pet Dies** Orientação de psiquiatria infantil por faixa de desenvolvimento; não dizer que o animal fugiu. aacap.org/AACAP/Families_and_Youth/Facts_for_Families/FFF-Guide/
- **American Kennel Club — Do Dogs Grieve Other Dogs?** Mudanças de comportamento no cão sobrevivente e quanto tempo costumam durar. akc.org/expert-advice/health/do-dogs-grieve-other-dogs/
- **VCA Animal Hospitals — Helping Your Grieving Pet** Manejo prático do cão que ficou: rotina, companhia e quando procurar o veterinário. vcahospitals.com/know-your-pet/helping-your-grieving-pet
- **Tufts e Cornell — linhas gratuitas de apoio ao luto por animais** Exemplos de serviços mantidos por escolas de medicina veterinária. vet.tufts.edu/pet-loss-support-helpline

- **American Kennel Club — How to Know When You're Ready for Another Dog** Ausência de prazo universal e o teste de olhar para frente em vez de para trás. akc.org/expert-advice/lifestyle/how-to-know-when-ready-for-another-dog

- **Lap of Love — Factors to Consider When Adopting a New Pet After a Loss** Comparação com o animal anterior, acordo entre os moradores da casa e lar temporário como caminho intermediário. lapoflove.com/blog/pet-loss-support

Lembre-se

- ✓ Estas páginas foram feitas para sair da tela.
- ✓ Imprima, ponha numa prancheta e leve para o posto de comando.

Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

12

Se os dias passarem

Cães são encontrados depois de semanas e até de meses — isso acontece com frequência, e é um bom motivo para não desmontar a operação cedo.



10.1 Escalada em seis movimentos

Seis movimentos: pontos cegos, aumentar o raio, cidades distantes, time remoto, câmeras e fontes de água. E revisar a hipótese, não só o esforço.

1. **Vá aos pontos cegos** — Sobreponha os trajetos gravados e olhe os buracos: o brejo que ninguém quis atravessar, o barranco, a mata de espinho, a propriedade fechada. São justamente os lugares mais atraentes para um cão escondido, e justamente os que os voluntários evitaram.

2. **Aumente o raio** — Se o raio inicial se esgotou sem sinal, é sinal de que ele era menor do que o necessário — algo que só dá para saber depois. Redesenhe o círculo com o dobro do alcance, mantendo a lógica de fatias e de prioridade.

3. **Leve os cartazes para longe** — Cidades e distritos vizinhos, com pedido de anúncio nas missas e cultos e nas rádios locais. Quanto mais dias passam, maior a chance de o cão já estar em outro município — e de alguém tê-lo recolhido.

4. **Monte o time remoto** — Pessoas de confiança, longe da operação, varrendo grupos de achados e perdidos, publicando todos os dias e checando anúncios de cães "achados" e de doação. Muito cão perdido reaparece como cão doado.

5. **Espalhe câmeras** — Nos funis, nas fontes de água e nas estações. Uma câmera trabalha 24 horas por dia sem cansar, sem assustar e sem custo por hora — é o melhor investimento de uma busca longa.

6. **Monitore a água** — Nascentes, córregos, açudes e bebedouros, nos horários em que ele costumava beber em casa. Comida ele encontra ou dispensa; água ele precisa, todo dia, no mesmo tipo de lugar.

DICA DO TREINADOR

Revise a hipótese, não só o esforço Se o setor prioritário foi bem coberto e nada apareceu, vale considerar que **a hipótese principal talvez não fosse a certa**. Isso é esperado: hipótese é palpite informado, e revisá-la faz parte do método — não é sinal de que alguém errou. Sente a equipe, reentreviste as testemunhas do começo e refaça a Avaliação (seção 4.2) do zero, com tudo o que vocês aprenderam desde então.

10.2 A maratona

> **Turnos e descanso. Mantenha um mínimo rodando indefinidamente: uma estação abastecida, uma câmera ativa e uma publicação por dia.**

Ninguém aguenta duas semanas em ritmo de primeiro dia, e uma equipe exausta procura mal. Trate o cansaço como um risco operacional, porque é.

- **Turnos.** Metade da equipe descansa enquanto a outra metade trabalha. Sem exceção para o dono.
- **Você precisa dormir.** A noite não é hora de varrer mato — é hora de descansar, treinar os cães e planejar o dia seguinte.
- **Passe o comando quando precisar.** É normal, e é o certo, que alguém de fora assuma a coordenação quando a família não tem mais condições. Isso não é desistir.
- **Mantenha o mínimo rodando indefinidamente:** uma estação abastecida, uma câmera ativa e uma publicação por dia. É barato,

sustentável, e é o que compra as semanas em que a maioria dos reencontros tardios acontece.

10.3 Quando ele voltar

> **Veterinário mesmo que ele pareça bem, realimentação gradual, e trate a causa da fuga para que não se repita.**

Primeiro, o veterinário

Mesmo que ele pareça bem. Depois de dias fora, o exame procura desidratação, hipotermia, feridas e abscessos, almofadas das patas machucadas, carrapatos e pulgas, parasitas intestinais, corpo estranho e perda de peso relevante.

- **Reidratação e realimentação graduais**, sob orientação. Comida à vontade depois de um jejum longo é perigoso.
- Se estiver hipotérmico, aqueça **gradualmente** — cobertores e ambiente aquecido, nunca fonte de calor direta sobre a pele.

Depois, o comportamento

Ele pode voltar diferente: assustadiço, grudado, arisco com estranhos, reativo a barulhos, ou ansioso quando fica sozinho. Isso é esperado e, na maioria dos casos, temporário.

- Rotina previsível e ambiente calmo nos primeiros dias. Nada de festa com visitas.
- Deixe que ele procure contato, em vez de forçar.

- Retome o trabalho de vínculo e de chamada com reforço positivo, em ambiente fechado e seguro, antes de qualquer passeio solto.
- **Trate a causa da fuga.** Se ele fugiu por medo de fogos, de trovão ou de barulho de motor, isso é tratável — e não tratado, se repete. Trabalho de dessensibilização, feito fora da temporada de risco, é o que evita a segunda vez.
- Se o medo persistir por semanas, procure ajuda profissional em comportamento canino.

DICA DO TREINADOR

No app Dogo Para a fase de recuperação, os programas de **ansiedade de separação**, **medo de barulhos** e **reconstrução de confiança** do Dogo dão uma rotina diária curta, com vídeo, para fazer em casa sem sobrecarregar o cão. E se você quiser falar com gente, a Dogo tem treinadoras que acompanham casos assim — inclusive o lado humano, que costuma precisar de tanto cuidado quanto o do cão.

10.4 Para nunca mais

> **Identificação em camadas, fotos atualizadas, chamada de emergência e dessensibilização feita fora da temporada de risco.**

- **Identificação em camadas:** plaquinha física com telefone, microchip com cadastro atualizado e um rastreador adequado ao ambiente que vocês frequentam.

- **Fotos atualizadas** a cada poucos meses: corpo inteiro dos dois lados, de frente, e close das marcas distintivas. É a foto do cartaz que você espera nunca precisar.
- **Chamada de emergência** — uma palavra diferente da chamada do dia a dia, treinada com a melhor recompensa que existe na casa e nunca usada para nada desagradável.
- **Protocolo de viagem e camping:** guia longa em qualquer lugar desconhecido, cão nunca solto na primeira visita a um local, e checagem de rastreador e bateria antes de sair.
- **Dessensibilização a fogos e tempestades** feita com antecedência, fora da temporada — a maior causa isolada de fugas.

DICA DO TREINADOR

AirTag ou GPS: qual rastreador comprar Um AirTag (ou etiqueta Bluetooth equivalente) não tem GPS: ele só é localizado quando o celular de alguém passa perto e retransmite a posição. Funciona bem em cidade, mas fica mudo em mata, sítio ou estrada vicinal — exatamente onde um cão perdido costuma acabar. Coleiras com **GPS e chip celular**, como **Fi** e **Tractive**, enviam a posição em tempo real pela rede de telefonia, funcionam fora da cidade onde houver cobertura, e costumam ter alerta automático de fuga. A comparação completa, com todas as tecnologias de rastreamento, está na Parte 6.1. Se o seu cão passa tempo em área rural, trilha ou já tem histórico de fuga, a coleira GPS é o investimento que mais reduz o risco de uma próxima busca. O AirTag pode continuar como camada extra, barata, para o dia a dia na cidade — mas não substitui o GPS fora dela. Comece pela etiqueta Bluetooth — é a opção certa pro seu caso. Priorize a coleira com GPS e chip celular — é a opção certa pro seu caso.

DICA DO TREINADOR

No app Dogo Quase tudo nesta lista é treino comum, feito antes de precisar. No **Dogo**, o programa **Perfect Recall** cobre a chamada de emergência, e há trilhas específicas para medo de barulho e para passeio seguro. Vinte minutos por dia, em semanas tranquilas, é o que evita a semana descrita neste livro.

Lembre-se

- ✓ Seis movimentos: pontos cegos, aumentar o raio, cidades distantes, time remoto, câmeras e fontes de água. E revisar a hipótese, não só o esforço.
- ✓ Turnos e descanso. Mantenha um mínimo rodando indefinidamente: uma estação abastecida, uma câmera ativa e uma publicação por dia.
- ✓ Veterinário mesmo que ele pareça bem, realimentação gradual, e trate a causa da fuga para que não se repita.

Baixe o app Dogo

CAPÍTULO

13

Lidando com o luto

Esta parte existe porque nem toda busca termina com o cão em casa.



DICA DO TREINADOR

Antes de começar Se o seu cão ainda está desaparecido e você está no meio da busca, **esta parte não é para agora**. Ela foi posta no fim de propósito, e ficará aqui se um dia for necessária. Volte para a Parte 10 e continue.

11.1 Um luto que quase ninguém valida

> **A dor é real mesmo que ninguém ao redor a trate como perda. Esconder o que se sente é justamente o que trava o luto.**

A primeira coisa que atrapalha quem perde um cão não é a dor: é a reação das outras pessoas a ela. Especialistas chamam isso de **luto não reconhecido** — uma perda real que a cultura ao redor não trata como perda.

Como observa a conselheira de luto animal Beth Bigler, quando alguém perde um cão não há licença no trabalho, não há velório, ninguém organiza comida para a família, ninguém aparece na porta. As pessoas dizem "era só um cachorro", ou, com boa intenção, "você pode arranjar outro". O resultado é que a pessoa enlutada aprende a esconder o que sente — e esconder é justamente o que trava o luto.

DICA DO TREINADOR

Se serve de alguma coisa O que você está sentindo é proporcional ao vínculo, não ao que os outros acham que ele deveria valer. Você não está exagerando. Você não precisa se explicar para quem não entende — procure quem entende, que existe.

11.2 A culpa

> **A culpa pesa mais no luto por animais do que em outros. Você decidiu com a informação que tinha, não com a que tem agora.**

No luto por animais, a culpa pesa mais do que em outros lutos. E, num cão que se perdeu, ela tem endereço certo: a porteira que ficou aberta, a guia que eu soltei, o susto que eu não previ, os cinco minutos em que eu não estava olhando.*

Vale dizer isto com todas as letras: **um acidente é um acidente.** Ninguém que ama um cão o perde de propósito, e nenhuma pessoa cuidadosa consegue prever todos os cenários o tempo inteiro. Você tomou decisões com a informação que tinha naquele momento — não com a que tem agora, depois de ter lido um livro inteiro sobre o assunto.

A culpa costuma se disfarçar de análise: reencenar a cena buscando o instante em que tudo poderia ter sido diferente. Isso é normal e passa, mas se estiver ocupando as suas noites, é sinal de que a conversa precisa de mais alguém — um profissional, um grupo, alguém que já passou por isso.

E há a culpa de quem organizou a busca: eu deveria ter ampliado o raio antes, eu escolhi a fatia errada. Toda decisão de busca é tomada sob incerteza. Escolher a hipótese mais provável e estar errado não é negligência — é o que significa trabalhar com probabilidade.

11.3 Se ele for encontrado sem vida

> **Ver ou não ver o corpo: as duas reações são normais e não há obrigação. O que é sensível ao tempo é o corpo e, se for o caso, a necropsia.**

Nada prepara para esse momento, e não existe um jeito certo de atravessá-lo. O que existe são algumas decisões práticas que aparecem rápido demais, e é melhor saber delas antes do que descobri-las no choque.

Ver ou não ver

Para algumas pessoas, ver o corpo confirma a realidade e ajuda a fechar; para outras, a imagem fica e machuca por muito tempo. **As duas reações são normais e não há obrigação nenhuma.** Se houver dúvida, peça a alguém de confiança que veja primeiro e descreva — e decida depois. Se a identificação for necessária, pergunte se pode ser feita por foto, por microchip ou por uma marca específica.

O corpo

- Ligue para um veterinário. A maioria das clínicas acolhe o corpo por 24 a 48 horas enquanto a família decide, muitas vezes sem cobrar.
- O tempo importa: no calor, decomposição é rápida; procure resolver em 12 a 24 horas. Em clima frio há um pouco mais de margem.
- Se precisar transportar, use uma manta ou caixa e peça ajuda a alguém — não faça isso sozinho se puder evitar.

Saber o que aconteceu

Existe necropsia veterinária, e ela responde algumas perguntas — nem sempre todas. Vale considerar se houver suspeita de envenenamento, de crime ou de algo que possa afetar outros animais da região. Se a resposta não for mudar nada e a dúvida não estiver te consumindo, também é legítimo não querer saber. É uma decisão que precisa ser tomada rápido, mas não precisa ser tomada sozinho.

Cremação ou enterro

- **Cremação individual** devolve as cinzas; a coletiva, não. Pergunte ao veterinário qual serviço ele usa e confirme qual das duas está sendo contratada — essa confusão é comum e não tem volta.
- **Enterro** em propriedade particular depende da lei do município: há regras de profundidade e de distância de nascentes e poços, e enterrar em área pública costuma ser proibido. Cheque antes.

Guardar alguma coisa

Muita gente se arrepende de não ter guardado nada, e quase ninguém se arrepende de ter guardado. A coleira, a plaquinha, um tufo de pelo, a marca da pata em argila, o brinquedo. Você não precisa olhar para essas coisas agora — só não precisa decidir sobre elas hoje.

NOTA DE SEGURANÇA

Não decida no primeiro impacto Nas primeiras horas, tudo parece urgente. Quase nada é. Peça a alguém que assuma os telefonemas, e adie o que der para adiar. As únicas decisões realmente sensíveis ao tempo são o que fazer com o corpo e, se for o caso, a necropsia.

11.4 Quando nunca chega uma resposta

> **Perda ambígua: o luto congela porque a resposta nunca chega. Oscilar entre esperança e desespero no mesmo dia é esperado, não fraqueza.**

Existe uma perda ainda mais difícil de atravessar do que a morte confirmada: aquela em que não se sabe. A pesquisadora Pauline Boss deu nome a isso — **perda ambígua**: a perda que resiste a qualquer desfecho, porque a informação nunca chega.

Boss descreve o que acontece: o luto *congela*, porque o cérebro segue procurando uma resposta que talvez nunca venha. Na prática, é oscilar entre esperança e desespero várias vezes no mesmo dia, sentir saudade e raiva juntas, achar que está melhorando e desabar com um latido na rua. **Isso não é instabilidade nem fraqueza.** É a resposta esperada a uma situação sem forma.

E há um agravante: não existem rituais para isso. Ninguém sabe o que dizer, não há data, não há cerimônia, não há um momento em que as pessoas ao redor entendam que aquilo acabou — porque não acabou.

A ideia de “superar” atrapalha

Boss é direta a respeito: a noção de closure, de virar a página e encerrar, é um mito que nos leva ao lugar errado. O objetivo não é parar de sentir falta. É conseguir viver com uma pergunta em aberto — o que é possível, e o que muita gente faz.

Quando parar de procurar

Não existe o dia certo, e ninguém de fora tem autoridade para apontá-lo. O que costuma funcionar melhor do que parar é **reduzir**: desmontar a operação intensa, que não é sustentável, e manter a camada pas-

siva — uma publicação de vez em quando, o microchip marcado, o contato com os abrigos, uma câmera se ainda fizer sentido. Isso permite voltar a trabalhar, dormir e comer sem que a sensação seja de abandono.

Se em algum momento você decidir encerrar de vez, isso também não é abandono. É reconhecer um limite — e você fez o que era possível fazer.

Criar o ritual que não existe

Como não há cerimônia para esse tipo de perda, muita gente inventa a sua. Boss observa que uma das formas mais potentes de dar sentido a uma perda ambígua é justamente pelo gesto simbólico: escrever, plantar alguma coisa, fazer um álbum, marcar uma data, doar em nome dele. Não é fingir um desfecho. É dar um lugar para a saudade morar.

11.5 Contar às crianças

> **Use a palavra "morreu". Nunca diga que ele fugiu, se morreu. E não substitua rápido.**

A orientação de escolas de medicina veterinária e de psiquiatria infantil é consistente e vai contra o instinto da maioria dos adultos:

- **Use as palavras "morreu" e "morte".** Eufemismos confundem e minam a confiança. Dizer que "dormiu" pode aterrorizar uma criança pequena na hora de dormir.
- **Não diga que ele fugiu** se ele morreu. A criança passa a se perguntar por que ele não a amou o bastante para ficar — e aprende a desconfiar do que lhe contam.

- **Conte cedo, e num lugar calmo**, com tempo para perguntas e para se despedir.
- **Ajuste ao desenvolvimento, não à idade no papel.** Crianças muito pequenas reagem principalmente ao estado emocional dos adultos ao redor; entre 2 e 5 anos, sentem a falta do companheiro de brincadeira.
- **Não substitua rápido.** Trazer outro cão logo em seguida ensina que o anterior era substituível.
- **Deixe a criança ver você triste.** É assim que ela aprende que a tristeza é aceitável e que se pode falar dela.

No caso de um cão desaparecido e nunca encontrado, a honestidade continua sendo o caminho, com a incerteza incluída: "a gente procurou muito, não conseguiu achar, e não sabe o que aconteceu com ele." Crianças lidam melhor com uma verdade incompleta do que com uma explicação que depois se revela falsa.

11.6 O cão que ficou

> **86% dos tutores relatam mudança de comportamento no cão sobrevivente. Rotina estável é o que mais ajuda; o pico passa em algumas semanas.**

Cães sentem a ausência de um companheiro. Num levantamento com tutores, **86% relataram mudanças de comportamento no cão sobrevivente** após a morte do outro: mais busca por atenção, menos apetite, menos brincadeira, por vários meses.

Sinais comuns: apatia, procurar pela casa, deitar no lugar do outro, comer menos, dormir mais ou menos, vocalizar mais, grudar em você. A fase mais intensa costuma ser das primeiras duas semanas ao primeiro mês, e o quadro geralmente se acomoda entre dois e seis meses.

- **Mantenha a rotina.** Horários de comida, passeio e sono estáveis são o que mais tranquiliza um cão em luto.
- **Mais companhia e atividade**, sem forçar. Se ele não quiser brincar hoje, tudo bem.
- **Cuidado com o reforço acidental:** se toda demonstração de tristeza vira colo, alguns cães aprendem o padrão. Ofereça atenção também nos momentos calmos.
- **Se parar de comer por mais de um ou dois dias**, ou se algo parecer físico e não emocional, procure o veterinário — luto e doença se confundem.
- **Não traga outro cão para "resolver"** a tristeza dele. Pode ajudar mais tarde; raramente ajuda agora.

Se o seu cão participou da busca, ele também procurou. Vale dar a ele um encerramento à altura: passeios nos lugares de sempre, presença, calma.

11.7 Os voluntários

> **"Avise a todos, agradeça de forma concreta e feche a operação: recolha fitas, câmeras, estações e cartazes.**

Quem procurou junto também perdeu alguma coisa — e costuma ficar sem saber o que fazer com isso. Duas providências ajudam os dois lados:

- **Avise a todos, mesmo que seja difícil.** Uma mensagem única no grupo, curta, sem obrigação de responder. Deixar o grupo sem notícia faz as pessoas continuarem procurando e continuarem perguntando.
- **Agradeça de forma concreta.** Diga o que cada frente fez. Quem varreu um setor no frio precisa saber que aquilo teve valor, independentemente do desfecho.
- **Feche a operação:** recolha as fitas do mato, retire as câmeras e as estações, tire os cartazes. É trabalho chato e ajuda mais do que parece — para você e para quem vier depois.
- **Aceite ajuda** de quem oferecer. Muita gente vai querer fazer alguma coisa e não vai saber o quê; dar uma tarefa é um presente para os dois.

11.8 Quando procurar ajuda

“

Os sinais de que o luto não está andando sozinho — e o que fazer com eles.

Luto não é doença e não precisa de tratamento para existir. Mas há sinais de que ele não está andando sozinho:

- Não conseguir voltar a trabalhar, comer ou dormir depois de semanas.
- Culpa que ocupa o dia inteiro e não cede.

- Isolamento, ou esconder o que sente porque ninguém valida.
- Aumento de álcool ou de outras substâncias.
- Qualquer pensamento de se machucar — nesse caso, procure ajuda hoje, não depois.

Psicólogos tratam luto por animal como luto legítimo; você não precisa justificar a pauta. Existem também grupos de apoio específicos, presenciais e on-line, e escolas de medicina veterinária que mantêm linhas gratuitas de apoio ao luto — as de Tufts e Cornell, nos Estados Unidos, são exemplos conhecidos.

11.9 Quando adotar outro cão

> **Não existe prazo. O teste é a direção: você está olhando para frente, ou tentando preencher um buraco?**

Não existe prazo. Há quem esteja pronto em semanas, quem precise de meses ou anos, e quem nunca mais adote. Todas as respostas são legítimas, e nenhuma delas mede o tamanho do que existiu.

O que os especialistas oferecem não é um calendário — é um teste de direção.

DICA DO TREINADOR

A pergunta que ajuda a decidir Você está olhando para frente ou para trás? Adotar porque começou a imaginar que tipo de cão combinaria com a sua casa hoje é diferente de adotar para preencher um buraco. O primeiro é abertura. O segundo costuma virar ressentimento — contra o cão novo, que não tem culpa de não ser o outro. E vale dizer, porque quase todo mundo precisa ouvir: **imaginar um futuro com outro cão não significa que você parou de sentir falta, nem que amou menos.** As duas coisas cabem juntas.

Sinais de que talvez seja hora

- Você consegue lembrar dele sem que a lembrança derrube o seu dia.
- Você se pega pensando em que tipo de cão combinaria com a sua rotina atual — não em como recuperar a antiga.
- A ideia de cuidar de outro traz curiosidade, e não obrigação.
- Você tem fôlego para os dias ruins dele. Cão novo, e filhote sobretudo, dá trabalho de verdade.

Sinais de que talvez ainda não

- A motivação principal é parar de sentir a falta.
- Você está procurando o mesmo cão: mesma raça, mesma cor, mesmo nome.
- Alguém da casa não quer, ou não foi consultado. Trazer um animal antes de todos estarem prontos gera mágoa e prejudica o vínculo com quem chegou.

- Você está adotando para uma criança, na esperança de resolver a tristeza dela.

Não procure uma cópia

Veterinários e especialistas em comportamento são consistentes neste ponto: comparar o tempo todo — "o outro era mais calmo", "o outro me entendia" — costuma indicar luto ainda não elaborado e atrapalha a formação de um vínculo real. Cada cão tem personalidade, ritmo e jeito próprio de se comunicar. O novo não vai ocupar a forma do anterior, e não deveria. Sobre repetir o nome: costuma pesar mais do que parece, tanto para você quanto para quem convive com vocês.

O cão que ficou também decide

Um cão em luto não necessariamente quer companhia nova agora. Espere que ele volte a comer, dormir e passear em ritmo normal antes de trazer alguém, e faça a apresentação devagar, em território neutro.

Um caminho do meio

Se você estiver em dúvida, considere ser **lar temporário** antes de adotar. É compromisso menor, ajuda concreta a quem precisa, e responde na prática uma pergunta que não se responde na teoria. Se funcionar, você adota — ou segue ajudando, que também é uma boa resposta.

DICA DO TREINADOR

Se o seu cão nunca foi encontrado Aqui aparece uma culpa específica: adotar parece traição, ou parece desistir. Não é nem uma coisa nem outra. Você pode manter o microchip marcado como desaparecido, manter contato com os abrigos e continuar publicando de vez em quando — e ainda assim ter outro cão dormindo na sala. **Procurar e viver não são atividades excludentes.**

De onde adotar

Vale lembrar de onde vem boa parte dos reencontros descritos neste livro: abrigos, protetores e ONGs que recolhem animais achados. Se você decidir adotar, é um bom lugar para começar a procurar — e uma forma de fechar o círculo.

Uma última coisa. Procurar do jeito certo aumenta as chances — é para isso que este livro existe —, mas não as torna certeza. Se a sua busca não terminou como você queria, isso não significa que ela foi malfeita, nem que você falhou com ele. Você o procurou. Ele foi muito amado. As duas coisas continuam verdadeiras.

Créditos

Créditos

- **Autoria — Dogo App**
- **Curadoria e revisão** — Giovanna Mundstock · Justina Samoškaitė · Gediminas Gerulaitis · Jeny Paik
- **Orientação técnica drone térmico e GSD** — Gediminas Gerulaitis, piloto de busca e salvamento, Lituânia

- **Comportamento canino** — Treinadores e médicos-veterinários especializados em comportamento animal da Dogo
- **Método de busca** — Adaptado do ciclo de seis passos de busca e salvamento terrestre (TCSR, SARBC) para o contexto canino

Uma palavra final

Uma palavra final. Se você está lendo isto porque seu cão sumiu: nada aqui é uma lista de coisas que você deveria ter feito antes. É só o que se sabe hoje sobre procurar, reunido para poupar o seu tempo. Muitos cães perdidos voltam para casa, inclusive depois de bastante tempo. Torcemos para que seja o caso de vocês.

Agradecimentos. As orientações sobre drone térmico, GSD e altura de voo vieram de **Gediminas Gerulaitis**, piloto de busca e salvamento com experiência em buscas reais de cães em floresta, na Lituânia. Os números da tabela da seção 6.3 são de um DJI Mavic 3T.

Aviso. Este manual não substitui atendimento veterinário nem serviços profissionais de resgate. **Nenhuma orientação aqui vale mais do que a segurança de quem procura.** Não se exponha, e não exponha seus voluntários, a risco de queda, afogamento, hipotermia, fogo, estrutura instável ou animais perigosos. Se a situação estiver acima das suas habilidades, acione o Corpo de Bombeiros, a Defesa Civil ou um grupo especializado como o GRAD Brasil. Verifique também a legislação local sobre uso de drones, armadilhas, acesso a propriedade privada e fixação de cartazes antes de agir.

Lembre-se

- ✓ A dor é real mesmo que ninguém ao redor a trate como perda. Esconder o que se sente é justamente o que trava o luto.
- ✓ A culpa pesa mais no luto por animais do que em outros. Você decidiu com a informação que tinha, não com a que tem agora.
- ✓ Ver ou não ver o corpo: as duas reações são normais e não há obrigação. O que é sensível ao tempo é o corpo e, se for o caso, a necropsia.

Baixe o app Dogo

Checklist da primeira hora

Imprima, ponha numa prancheta e leve para o posto de comando.

A primeira hora

- [ ] Parei de perseguir e mandei todo mundo parar
- [ ] Marquei a coordenada do PUV no celular
- [ ] Impus silêncio — ninguém chama o nome dele
- [ ] Deixei roupa suada, cama e caixa de transporte no PUV
- [ ] Deixei uma pessoa sentada e quieta no PUV
- [ ] Liguei para canil / zoonoses / abrigos num raio de 30 km
- [ ] Liguei para as clínicas veterinárias da região

Depois

- [ ] Marquei o microchip como desaparecido e conferi meu telefone
- [ ] Publiquei o post-âncora com foto boa e “não persiga — ligue”
- [ ] Guardei um detalhe de identificação em segredo
- [ ] Impulsionei o post com raio geográfico ao redor do PUV
- [ ] Abri o caderno de avistamentos
- [ ] Coletei o artigo de cheiro com luvas e guardei em saco selado

Continue com a Dogo

É exatamente o que o **Dogo** faz — programas curtos, guiados em vídeo, para fazer em casa.